

Editora Prospectiva (Frutal-MG).

Escola de Minas de Ouro Preto: Memórias dos seus ex-alunos .

Machado, Otávio Luiz.

Cita:

Machado, Otávio Luiz. (2013). *Escola de Minas de Ouro Preto: Memórias dos seus ex-alunos*. Frutal-MG: Editora Prospectiva.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/otavioluizmachado/35>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pezx/smq>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Otávio Luiz Machado (Org.)



**ESCOLA DE MINAS DE OURO
PRETO: MEMÓRIAS DOS
SEUS EX-ALUNOS**

**EDITORA
PROSPECTIVA**

Otávio Luiz Machado (Org.)

**ESCOLA DE MINAS DE OURO
PRETO: MEMÓRIAS DOS
SEUS EX-ALUNOS**

EDITORA PROSPECTIVA

Copyright 2013 by Otávio Luiz Machado

Capa: Editora Prospectiva

Foto de capa: Otávio Luiz Machado

Revisão: Otávio Luiz Machado

Edição: Editora Prospectiva

Machado, Otávio Luiz. Escola de Minas de Ouro Preto: Memórias dos seus ex-alunos – Frutal: Prospectiva, 2013.

ISBN: 978-85-67463-30-8

1. Estudantes universitários – Comportamento. 2. Memória Histórica. 3. Educação extracurricular; 4. Moradia Estudantil.
CDU316.6:378.4

Contatos com o autor:
Caixa Postal nº 1, 382000-000 Frutal-
MG

E-mail:

otaviomachado3@yahoo.com.br

Tel: (34) 9668-9575

O trabalho é dedicado a todas as pessoas que tornaram o sonho de uma significativa reconstrução histórica das juventudes brasileiras realidade.



SUMÁRIO

Agradecimentos 9

APRESENTAÇÃO

Otávio Luiz Machado 10

**As Repúblicas de Ouro Preto: Minhas
Experiências nos Anos 1920**

**Moacyr do Amaral Lisboa (Ex-Aluno da
República Arca de Noé) 12**

**Isto Dantes em Ouro Preto – Sílvio Vilar
Guedes - Sargento: 24/abril/1996)**

Cássio Damázio 37

**A formação Profissional da Escola de
Minas**

Carlos Walter Marinho Campos 46

**A tradição da Escola de Minas em Ouro
Preto**

Kleber Farias Pinto 62

A Vida na “Consulado” na Década de 50
Eurico Martins de Araújo 73

Um Pouco da História da Ciência
Professor Francisco de Assis Magalhães
Gomes 88

A Fundação do Restaurante da Escola de
Minas de Ouro Preto (REMOP)
Aziz Assi e Francisco Carlos Pinheiro
Faro 88

A crise Econômica Brasileira e a
Juventude
Joaquim Maia 103

Discurso pronunciado pelo orador oficial
da turma dos Engenheiros em 1929
Salathiel Torres 133

Discurso da reinauguração da sede do Centro Acadêmico de Ouro Preto, 15 de abril de 1933	
Joaquim Maia	151
Os Estudantes de Ouro Preto	
A.M.A.C.	155
Repúblicas em Ouro Preto e o golpe de 1964	
Nelson Maculan Filho	159
O MOVIMENTO PELA CONQUISTA DE REPÚBLICAS NOS ANOS 1960	
Serafim Carvalho Melo (Ex-Aluno da República Adegá)	168
Lembrança da fundação da República Rebu	
Maria Martha (Ex-Aluna fundadora da República Rebu)	201

**Depoimento sobre a invasão do DOPS
na República dos Deuses**

**Armando Lopes Farias - Ex-Morador da
República dos Deuses 206**

**Aspectos da Fundação da República
Senzala**

**Ari Ferreira da Silva (Ex-Aluno
Fundador da República Senzala) 221**

**A vida em república: Tempo e Espaço de
aprendizado para a vida e a profissão**

João Bosco Silva 226

**Discurso no Centenário da Escola de
Minas (1976) proferido pelo
representante do Corpo Discente**

**Antônio Claret Soares Sabioni
(Presidente do Diretório Acadêmico da
Escola de Minas/UFOP) 235**

APRESENTAÇÃO

Otávio Luiz Machado

Talvez nesse livro tenha reunido boa parte dos dados significativos que consegui reunir sobre a história dos estudantes de Ouro Preto.

A dificuldade de se obter dados sobre os anos 1920 e 1930 foi superada nesse livro com algumas fontes importantes para conhecermos a vida universitária de Ouro Preto, já adiantando outros dados raros que vão até os anos 1970, todos já analisados em outras publicações que desenvolvemos (e que aqui merecem ser publicizados na sua essência).

É um livro que pode ser de muita utilidade para os futuros pesquisadores do tema, mas também para os jovens que

querem conhecer toda uma história da qual eles atualmente fazem parte.

Como o livro é parte de uma coleção que trata de todos os aspectos da história dos jovens em Ouro Preto, fica a sugestão para que tenham acesso ao conjunto das obras no sentido de se entender as particularidades e abordagens nos seus múltiplos aspectos.

AS REPÚBLICAS DE OURO PRETO: MINHAS EXPERIÊNCIAS NOS ANOS 1920*

Moacyr do Amaral Lisboa (Ex-Aluno da República
Arca de Noé)¹

A Escola de Minas de Ouro Preto sempre teve o seu corpo discente constituído, na sua maioria absoluta, de estudantes estranhos aos meios da cidade, procedentes de quase todos os Estados da União. Os moços chegavam e ainda chegam a Ouro Preto, entregues à sua própria sorte. Aqui chegando encontram

¹ Artigo publicado na Revista da Escola de Minas no transcurso do 91º aniversário da EMOP, 1967

um ambiente diferente com costumes e climas muitas vêzes completamente diversos de onde vieram. Sem o aconchêgo da família, num meio estranho, passam a viver numa pensão ou numa república procurando adaptar-se a um novo sistema de vida.

O espírito de fraternidade que havia entre os estudantes da Escola de Minas, o tradicional acolhimento da família ouropretana e a respeitabilidade do nome da Casa de Gorceix, que o candidato ao Curso Anexo passava a conhecer e a admirar, exerciam sôbre êle uma influência muito grande estimulando-o para a realização do sonhado ideal de ser aprovado nos exames de concurso à matrícula no primeiro ano da Escola e tornar-se, assim, um estudante da Escola de Minas de Ouro Prêto. Êsse espírito de fraternidade, tão característico dos ex-alunos da Escola de Minas, é, sem dúvida,

o resultado da vida em república, da convivência com as famílias ouropretanas e da natureza dos cursos da Escola, reunidos num curso único que era denominado Curso Geral. Com a extinção desse Curso e o aparecimento dos cursos especializados, com a criação do Restaurante da EMOP modificando, substancialmente o regime de vida das repúblicas e o retraimento dos estudantes, o espírito de fraternidade entre os alunos da Escola de Minas veio caindo de maneira muito acentuada, propiciando a infiltração de ideologias políticas, estabelecendo choques de idéias entre grupos que formam as alas da direita e da esquerda. A separação dos cursos também muito vem contribuindo para a divisão da grande família dos alunos da Escola. A princípio todos procuravam se conhecer e se orgulhar daquele espírito de fraternidade que propiciava a criação de

grandes e sólidas amizades. A vida do estudante fora do ambiente escolar era menos artificial e muito se aproximava da vida familiar, porque as repúblicas se constituíam de modo que cada um considerava a sua república como um segundo lar.

Para a organização de uma república reuniam-se alguns estudantes, conhecidos e amigos entre si, alugavam uma casa, contratavam uma cosinheira e às vezes, um molecote para recados e servir de garçon. Compravam o estritamente necessário para a montagem da cosinha e da sala de jantar. Cada um mobilizava o seu quarto, também, de maneira muito simples: uma cama, uma pequena mesa de estudos, uma cadeira e o quadro negro. Num dos ângulos do quarto improvisavam um guarda-roupa por meio de um lençol prêso numa táboa que formava o teto do guarda-roupa.

Muitos nem isto tinham; guardavam a roupa na própria mala de viagem. O banheiro constava de um chuveiro apenas, e, na maioria das repúblicas do meu tempo de estudante, era uma lata de querosene de 20 litros com um ralo no fundo, pendurada, convenientemente, no local das instalações sanitárias ou, às vezes, ao relento.

O conforto material era o mais rudimentar possível. As casas alugadas para a instalação de uma república geralmente estavam em péssimo estado de conservação. Na antiga República Castelo dos Nobres, por exemplo, a quantidade de picumã na cosinha era tal que mais parecia uma câmara escura. Tudo era preto; até a louça devido, certamente à fuligem, tinha uma tonalidade cinzenta bem acentuada. Durante todo o dia funcionava um velho fogão de ferro a lenha e tal era a

quantidade de fumaça com vapores d'água e de gorduras que as paredes e o teto eram de cor prêta brilhante. Na hora do almoço ou do jantar o "Zé Fumaça", nome pelo qual atendia o cosinheiro, um mulato já um tanto maduro e sistemático, na sua azáfama costumeira, era uma figura impressionante no meio daquela fumaceira causada pela lenha verde ou molhada e pela gordura queimada. É curioso lembrar que, naquela época Ouro Prêto tinha um cheiro todo especial. Qualquer pessoa que chegava notava êsse cheiro indefinível e típico devido à lenha que se consumia em todas as casas da cidade, conhecida vulgarmente por candeia e que o velho Prof. Baêta, nas suas aulas de Botânica, batizava por *Vanilosmopsis erithropappa*, Família das *Compositae*.

Apesar daquele ambiente tétrico e horroroso da cosinha do Castelo dos

Nobres e do aspecto enigmático do seu cosinheiro, confesso que nunca comi um arroz tao gostoso como aquêlê preparado pelo Zé Fumaça.

As repúblicas funcionavam, pode dizer-se, maravilhosamente bem porque os seus regulamentos, baseados nos mesmos princípios, eram simples e respeitados por todos. Os artigos básicos – dêsses regulamentos ou estatutos, em síntese, eram os seguintes:

1º - Mensalmente cada republicano ficava responsável pela direção total da república; era o seu Presidente.

2º -Ao término de cada mês o Presidente afixava na sala de jantar o balanço geral do movimento financeiro da República assinalando o débito de cada republicano.

3º -A cosinheira era tratada com o máximo respeito. De preferência devia ser

uma mulher idosa, experimentada e econômica.

4º - As vagas somente eram preenchidas com a aprovação de todos os republicanos.

Dêste modo o que faltava de conforto material nas Repúblicas do meu tempo era compensado pelo ambiente do meu tempo era compensado pelo ambiente de cordialidade e pela verdadeira fraternidade que havia entre os republicanos. Cultivava-se uma amizade sadia, um verdadeiro espírito de companheirismo e todos se entendiam bem porque o lema de cada República era: todos por um e um por todos.

Diariamente, pelo menos nas horas do almoço e do jantar, todos os republicanos se reuniam e, durante e após as refeições, discutiam amistosamente assuntos os mais variados, respeitando-se, sempre, os pontos de vista políticos e

religiosos de cada um. Em muitas repúblicas era comum uma reunião à noite, após a sessão do Cine Central, para o célebre café que, muitas vezes, se transformava numa animada conversa sobre assuntos variados conhecida por “bonde” que ia noite a dentro e terminava com os planos de visita a algum quintal em busca do necessário para uma CEI ... Havia Repúblicas em que o “bonde” era proibido, outras em que era regulamentado e algumas que apenas o toleravam esporadicamente . Havia rapazes especialistas em “puxar um bonde” como J.P.C., o O.F., o J.N.F., A.R., etc. Cito-os apenas pelas iniciais do nome de cada um, pois não tenho autorização para divulgar essas características das suas personalidades que os destacavam entre os colegas. Eram tão bons conversadores, sobre assuntos os mais variados, falavam com tal entusiasmo e

presença de espírito que, muitas vêzes, sòzinhos, mantinham um “bonde” horas a fio.

Cada República tinha uma característica própria e se destacava pelo modo de viver dos seus republicanos. Na história de cada uma delas há muita coisa digna de ser registrada para que se possa analisar, com segurança, as causas fundamentais dêsse invejável espírito de fraternidade existente entre os ex-alunos de nossa velha Escola de Minas.

Muitas repúblicas tiveram vida efêmera, outras desapareceram deixando pouca coisa a ser lembrada. Assim é que quase nada se sabe sôbre as antigas Repúblicas da Bastilha, do Trololó, dos Sovietes, da Ilha dos Rijos, da Madame Satã, do Jardim da Infância, etc.

Por tudo isto é que julgo inadiável estudar-se a situação atual do elemento humano das Universidades e Escolas

isoladas para evitar que se agrave mais êsse estado de desarmonia entre os corpos docente, discente e administrativo.

Se meditarmos um pouco sôbre como era a vida do estudante, do professor e do funcionário da velha Escola de Minas, veremos que houve uma modificação muito grande se bem que, atualmente, o ritmo da vida, por fôrça do progresso, tem que ser outro. Ouro Preto de trinta a quarenta anos atrás era bem diferente quanto ao movimento e a vida social. Cada um vivia de acordo com a sua posição e as suas responsabilidades. Não havia a demagogia do populismo e a personalidade política de cada um era mais firme. Um visitante da Escola de Minas, podia, pela simples apreciação do modo de trajar, distinguir, perfeitamente, um estudante, um professor e um funcionário. Hoje é bem difícil e às vezes impossível.

Apesar de tudo o estudante era mais alegre, mais comunicativo, vivia melhor a sua mocidade dentro daquêles princípios menos liberais da sociedade de então. Mesmo nas Repúblicas, onde todos eram amigos, notava-se uma pequena diferença de tratamento entre um estudante mais adiantado e um primeiro-anista, por exemplo. As pilhérias e brincadeiras próprias dos estudantes parece-me que eram mais espirituosas porque, na regra geral, os moços viviam menos revoltados, conviviam mais com os professôres e com as famílias ouropretanas.

O ano letivo da Escola iniciava-se a 15 de setembro e terminava em fins de junho. Durante as festas do Natal tôdas as Repúblicas recebiam consoadas de famílias de Ouro Preto. Muitos moços desfrutavam da amizade das famílias que os recebiam com aquêlê acolhimento hospitaleiro e tradicional de Ouro Preto.

Talvez por isto, apesar do ambiente sempre pacato da cidade, é que os moços eram mais bem humorados e faziam questão de cumprimentar cordialmente às pessoas conhecidas e todos recebiam com esportividade as suas brincadeiras quase sempre de muita originalidade e espírito. Certa vez, por exemplo, os republicanos da República dos Lindos, cuja sede era a da atual República Sparta, ficaram numa crise financeira imprevisível. Não tinham dinheiro para comprar o estritamente necessário da lista de mantimentos que lhes foi dada pela cosinheira. Depois de analisarem todos os meios possíveis de arranjar a importância em que orçava aquela lista, um deles, hoje figura de destaque no cenário da engenharia nacional, olhando para o quintal viu vários pés de xuxus carregados de frutos ; e, como quem resolve um problema

difícilimo, grita eufòricamente: “Pessoal, a nossa salvação vai ser o xuxu”.

Todos, quase ao mesmo tempo, responderam nervosamente: “De xuxu já estamos fartos...”. Quem disse que vamos comer xuxu? O meu plano é o seguinte: Vamos apanhar os xuxus, encher um saco e vender para as famílias conhecidas, e bem vendidos. Com o que apurarmos compraremos, então, os mantimentos para o jantar. A idéia era boa, porém, muito ousada. Depois de muito discutirem resolveram experimentar o plano do colega. Pouco tempo depois dois republicanos dos Lindos percorriam as ruas de Ouro Prêto vendendo xuxú. Um dêles carregava um saco cheio de grandes frutos e o outro um cartaz onde se lia: “Socorram os lindos adquirindo lindos xuxus a preço de reclame”. Naquela época ninguém vendia xuxu em Ouro Prêto, tal a quantidade que havia. A título de

brincadeira e com reclames espirituosos, em pouco tempo venderam tudo apurando o necessário para comprar os mantimentos da lista da cosinheira.

Em muitas repúblicas quando a cosinheira adoecia ou era despedida, os próprios republicanos se encarregavam de fazer o almôço ou o jantar até que a cosinheira se restabelecesse ou nova empregada fôsse arranjada. Alguns até que sabiam cosinhar, como o Pombo que era um especialista em peixe ao leite de côco. As cosinheiras, principalmente as mais velhas, primavam pela economia e pela preocupação com que dirigiam a casa como se fôsem inteiramente responsáveis pela vida de cada um dos republicanos. Brigavam com o fornecedor, com o lenheiro e com o açougueiro discutindo preços e a qualidade da mercadoria. Algumas eram ladras e davam grandes prejuízos à República. Conheciam e

respeitavam o modo de vida de cada um e gostavam de dar opiniões sôbre os problemas da República. Algumas eram muito asseiadadas, ordeiras e tratavam os republicanos como filhos. Outras eram desorganizadas e pouco ou nada se incomodavam com a limpeza.

No meu tempo de estudante morei em duas Repúblicas: primeiramente na Arcá de Noé e depois na República dos CDF organizada por sergipanos, conhecida por República dos Maynard, do Rollemberg ou do “Chirrene”.

Na Arca de Noé, logo que cheguei a Ouro Preto, no dia 8 de julho de 1928, travei minhas primeiras relações com os estudantes da Escola de Minas por intermédio do Isaac Porto Meyer, de saudosa memória, e do Eitel Bürger Frambach, meu velho amigo desde os tempos de estudante, e que, sem dúvida nenhuma, pela sua originalidade, pelo seu

espírito de coleguismo e pela sua vida escolar, era um exemplo típico do estudante da velha guarda. O Frambach desde os primeiros anos da Escola pensava em dedicar-se à Eletricidade e, por conta própria, estudava mais do que exigiam os programas do velho Braga e do diplomata Santa Cecília. No seu quarto havia tipos originais de ligações elétricas e ficou famoso, naquela época, o seu original despertador elétrico. Êsse despertador, cuja primeira experiência foi numa madrugada fria e silenciosa do velho Ouro Preto, acordando tôda a vizinhança, principalmente a família do Prof. Elizeu Pereira Ribeiro que, assustado com tal barulho, abriu a janela da sua casa para verificar o que teria havido na República, constava do seguinte engenho: um despertador comum logo que começasse a funcionar a sua campainha enrolaria três cordéis de comprimentos

diferentes; o primeiro para acender uma lâmpada de duzentas velas instalada na cabeceira de cama, o segundo, pouco depois fecharia um circuito para funcionamento de uma grande campainha muito estridente e o terceiro provocava uma faísca que acenderia um pedaço de estopim que queimava um cordel que sustentava, prês a ao teto, uma grande lata cheia de pedras.

Com êsse despertador, dizia o Frambach, até um indivíduo em sono catalético acordaria. A experiência confirmou pois muita gente do bairro do Antônio Dias acordou com o barulho produzido por aquela grande lata cheia de pedras ao cair do teto sôbre o assoalho.

A cozinheira da República, a célebre Sá Joaquina, era uma velha beata porém muito crente em procissões de almas penadas e lobishomem. Pela manhã, quando chegava com certo atraso, punha-

se a praguejar principalmente quando a lenha estava úmida e o fogo, no fogão, custava muito a arder os cavacos. Então a velha zangava-se, praguejava e culpava o demônio que com tãda certeza a estava perseguindo porque não tinha tido tempo de rezar suas orações. Nestas ocasiões o Frambach costumava adverti-la dizendo: “Cuidado! Cuidado Velha Joaquina! Tanto a senhora fala no demônio que um dia êle aparecerá para a senhora. E sabe, velha, como êle costuma aparecer? A gente sente um cheiro forte de enxôfre queimado e do lugar onde êle vai surgir aparecerem umas estrêlas vermelhas com um estrondo ...”.

Depois que a cozinheira ficou bem avisada sôbre o aparecimento do diabo, o Frambach com o pessoal da República, colocou no meio dos cavacos, no fogão, um maço de bombinhas. No dia seguinte quando a Sá Joaquina foi acender o fogo,

praguejando como sempre e culpando o demônio porque o fogo não pegava, ouviu-se um estrondo seguido de vários pipocares de bombas e tôda a cozinha ficou impregnada daquêle cheiro típico de fumaça de pólvora. A velha cozinheira apavorada saiu da cozinha a gritar: “Acode Sô Esculhambeque! Acode que o demônio apareceu lá na cozinha cuspiendo fogo de enxôfre pelo rabo!” Todos da República mostrando-se surpresos foram até à cozinha com a velha cozinheira confirmando o que ela dizia. Então o Frambach, aproveitando a oportunidade, muito sério, com ares paternais dizia: “Bem que lhe disse, velha Joaquina, que tanto a senhora falava no demônio que um dia êle apareceria”. Dêsde êsse dia nunca mais a velha cozinheira falou no demônio, não praguejava e sempre chamava pelos santos da sua devoção

para ajudá-la nas horas difíceis da sua cozinha.

Outra cozinheira da Arca de Noé, sempre muito lembrada pela sua simplicidade e por acreditar piamente, em tudo que lhe diziam, foi a Sá Felipa, uma creoula de meia idade, magra e devota de São José. Justamente no dia 19 de março de 1932, dia de São José, ao terminar o jantar começou a chover. Os companheiros da República haviam saído e eu fiquei sozinho com a cozinheira em casa. Nesta noite terminava a novena de São José e a pobre cozinheira sem guarda-chuva ou qualquer agasalho para enfrentar o tempo, pôs-se a queixar comigo da tristeza que a amargurava por não poder assistir à última reza do santo da sua devoção. Não sei como tive a intuição que aquela chuva logo cessaria e, como costumava acontecer, dentro em pouco o céu se mostraria todo estrelado.

Muito sério e com ares de muita confiança no que dizia, mandei a cozinheira buscar um pouco de sal a fim de fazer cessar aquela chuva por meio de uma oração milagrosa para que ela pudesse assistir à última noite da novena de São José. Confiante no que lhe acabava de dizer em poucos instantes a Sá Felipa me entregava um pires cheio de sal para que eu cumprisse o prometido. Junto da sala de jantar havia uma área lajeada; a chuva caía a cântaros e da rua ouvia-se o barulho característico da enxurrada. Preparei bem o espírito da creoula dizendo que em atenção ao seu grande espírito de religiosidade iria benzer a chuva com uma oração milagrosa do Santo La Fontaine que com todo o seu poder milagroso tinha conseguido até fazer os bichos conversar uns com os outros. Tomando o sal atirava-o em cruz, na área ao mesmo tempo que recitava em

francês bem caprichado, bem pausado, a fábula do Corvo e a Raposa. Terminado o recitativo notei que a chuva estava prestes a passar definitivamente, então, acrescentei alguns pensamentos e motes latinos que sabia de cor e quando o temporal cessou por completo lembro-me bem que disse, em tom baixo profundo, como últimas palavras: Te-Deum Laudamus ... Ite missa est ... Amen. A creoula, de olhos esbugalhados, completamente atônita, repetiu comigo a palavra Amen e desde então espalhou para todos conhecidos seus que eu sabia uma reza brava capaz de fazer passar qualquer chuva.

A vida em república era muito divertida; o estudante era mais bem humorado e participava diretamente de toda a vida da cidade. Amava-se muito as tradições da Escola e todos se orgulhavam

em dizer: sou aluno da Escola de Minas de Ouro Preto.

A chama sagrada da Escola de Minas está se apagando. É preciso revigorá-la promovendo-se, para isto, a restauração dos velhos costumes das tradicionais Repúblicas de Ouro Preto, para que os ex-alunos de amanhã possam voltar a esta cidade, rever a Escola e participar das festas do seu aniversário com esta alegria e estas emoções tão sublimes que se vê estampadas na fisionomia dos atuais ex-alunos nesta peregrinação anual à velha cidade para render as suas homenagens à velha Escola, tão amada, e recordar com os velhos amigos e companheiros os seus áureos tempos de estudante nesta inconfundível Ouro Preto, nesta “Cidade dos Sonhos e da Melancolia” sempre lembrada em cada ponto do Brasil, e mesmo de além mar, onde “Cum Mente et Maleo” cada filho espiritual da Casa de

Gorceix honra as tradições da gloriosa
Escola de Minas de Ouro Preto e trabalha
para o engrandecimento da pátria.

**ISTO DANTES EM
OURO PRETO - SÍLVIO
VILAR GUEDES
(SARGENTO:
24/ABRIL/1996)²**

Cássio Damázio

Apesar de esperada sua morte, pois a última vez que o visitei sábado passado, dia 20, sua mudez e estado físico geral apresentado revelaram-me quadro final irreversível. Chocou-se profundamente o aviso telefônico de agora, 15 horas, avisando-me do triste desfecho. Parei tudo que fazia e, sob sofrida saudade e

² Retirado do dossiê enviado pela República Consulado à UFOP. O texto foi publicado na Revista da Escola de Minas, número 49, de janeiro da março de 1996.

comovida lembrança, preste-lhe minha homenagem, rascunhando, em espontânea e incontida memorização, alguns traços de sua personalidade.

Quem foi Sílvio Vilar Guedes e, assim de repente, o que dele posso falar?

Conheci-o nos idos de 1931/1932, quando já em Ouro Preto começava a revelar suas principais qualidades, que, trazendo-o do norte ao sul do país, sempre estiveram ao longo de sua vida: Valentia - Lealdade - Decisão - Amizade.

Alistando-se com cerca de 15 anos aos revolucionários paraibanos de 1930, com eles chegara ao Rio já promovido a cabo e, terminada a revolução, por sugestão e convite de conterrâneos já alunos da Escola, talvez o Targino ou o Neiva de Figueiredo, veio dar com “os costados” em Ouro Preto, visando a entrar na “Meca” de todos nós, a Escola de Minas.

E porque Sargento? Gostoso recordar. Em noitada alegre, em nossa República, contando-nos sua “heroica façanha militar”, por unanimidade e ruidosamente, o provemos ao novo posto: SARGENTO. Sem funções, é claro, mas com direito a titulação, uma das muitas com que foi apelidado por sua cativante simpatia, atitudes ou fatos da sua vida escolar: - Sargento (mais íntima), batata, Vilar, lapiseira, finista, volista, etc, etc.

Quando estudante, duas suas decisões marcaram sua altaneira personalidade: não afinando bem com a turma com que ingressara na Escola e, vendo na imediata seus futuros grandes amigos, Lisanel, Renato, Mário Álvares, Vitor Dequech, Nicodemos, Jacinto, Odélio e outros que agora me escapam, não duvidou um instante: auto-reprovou-se, faltando a todos os exames finais e conseqüentemente entrando com

recíproca satisfação para a nova turma, na qual, como estudante metódico e aplicado, diplomou-se em 1940.

Outra valente decisão: na ocasião de sua formatura, tendo antecipadamente sabido ter cogitado, segundo hábito normal da Escola, convidar o Prefeito em exercício e, como tal, tê-lo presente na mesa principal das solenidades, dirigiu-se pessoalmente ao diretor da Escola solicitando-lhe não tomar tal procedimento, sob pena dele, Sílvio, não “colar grau”, se tal acontecesse. O Diretor, homem também de reconhecida autoridade, concordou com o pedido de Sílvio e a formatura aconteceu sem a presença do “indesejável”, que anos antes, em 1938, por ato de baixa politicagem, mandara prender pela polícia do Estado Novo várias pessoas de bem da Cidade, além de alguns estudantes e, entre esses, o Sílvio.

Eu e o meu digno e honrado pai, exercendo à época o cargo de Engenheiro Residente da E. F. Central do Brasil, por termos sido, como os outros, integralistas *por civismo e patriotismo*, também fomos vítimas desse ato covarde e canalha.

Apaixonado por esportes, foi o introdutor da prática do voleibol em Ouro Preto e do tiro ao alvo, onde era respeitado como autêntico campeão.

Dessa fase, me vem à lembrança o seguinte fato: morando em República da Rua Xavier da Veiga, era vizinho da residência do Prof. Custódio Braga, pai do falecido Custódio Braga Filho, nosso colega e saudoso bom amigo.

Certa manhã, o Professor, indo dar aula na Escola, surpreende o Sílvio, na porta da República, de “Winchester”, em posição de tiro, mirando a 20 metros, a cara do seu conterrâneo, o inocente e simplório Edson Vinagre de Mel Azedo,

nome oficial do calouro-anexim, que portava na boca um “palito de giz”, sobra de uma aula e alvo de quem lhe proporcionara momentos antes.

O Prof. Custódio, abismado com o que estava vendo, passou-lhe educado repreensão e, impedindo a continuação da cena, não se fartou de indagar, também cortesmente, entre os dois, qual seria o mais maluco: “se o atirador, o Sílvio, ou o alvejado, o Edson”. E mais não disse.

Apesar de estudante de poucas posses, como a maioria da Escola, sempre e dentro das suas limitações, esmerava-se na apresentação, no trajar. Foi exímio dançarino, cavalheiro cortês, e considerado “bom partido”, era muito cobiçado pelas jovens de sua época.

A propósito de mais essa qualidade, ocorre-me agora outra alegre lembrança. Determinado nosso colega, namorando atraente moça ouro-pretana, foi obrigado,

por chamado de sua própria família, a ausentar-se de Ouro Preto por 3 a 4 meses. Antes de sair, chamou o Sílvio e pediu-lhe que, por favor, “tomasse conta da sua bela namorada”, durante a imprevista ausência.

Sílvio prontamente concordou com o pedido, mas, dizem as “más línguas”, levou tanto a sério a incumbência que ao receber o amigo na Estação Ferroviária quando do seu regresso, após os cumprimentos de praxe, teve como resposta a sua pergunta pela “deusa”, a franca e honesta frase: “desculpe-me, mas tomei tanta conta da sua namorada que acabei lhe substituindo no namoro”!!

Passado o susto e o leve constrangimento de cada um, partiram em imediato ao famoso e saudoso *Bar do Januário*, onde, em companhia de outros colegas que curiosos os aguardavam, comemoraram até alta madrugada, o

inusitado evento, ouro-pretano/francês: divórcio e noivado, “a trois”.

Desnecessário é dizer que os dois amigos tornaram-se mais amigos, mas, infelizmente, para a moça, ela não veio a se casar com nenhum dos dois.

Fundador da República Consulado, da qual foi republicano por quatro anos, juntos participamos de inúmeras estrepolias comuns ao meio estudantil, com destaque para as serenatas do Mário Álvares e as incursões galináceas promovidas pelo “seu Vigário”, nosso colega e mais tarde compadre, Nabor Wanderley Nóbrega, seu conterrâneo. Sílvio tinha paixão pelas excursões nas difíceis serras da região, sendo sua preferida à do Pico Itacolomi, para a qual sempre encontrava motivações para levar-nos a acompanhá-lo. Numa delas, tendo como companheiros eu e o Nabor, devido a intenso nevoeiro, perdemo-nos na mata,

passando a noite sob as árvores e lutando para manter acesa modesta fogueira, tentando aquecer o incômodo frio.

Fomos salvos por um “velho burro”, que, na madrugada, imaginando uma onça pelo ruído provocado pelo seu lento ruminar no meio do mato, alertou-nos do que era, pelo forte “zurro” causado na dor do raspão de um tiro a esmo do Guedes, que, o atingindo na anca, provocara também sua disparada, indicando-nos a trilha salvadora, que nos fez, afinal, voltar ao mundo!!

Bendito burro, repito agora, o que por certo dissemos no dia!

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DA ESCOLA DE MINAS³

Carlos Walter Marinho Campos

A Escola de Minas sempre foi uma escola, até aquela época, pelo menos, ou até há uma década ou duas, no máximo muito eclética. Era um curso de seis anos em que se obtinha o título que permitia que se trabalhasse em engenharia civil, engenharia de minas e engenharia metalúrgica. Era uma escola de sucesso naquela época, uma escola até de certa fama. A Escola de Minas sempre foi uma

³ Entrevista reproduzida e editada. Fonte original: projeto “Memória da Petrobrás”, na vigência do convênio entre o CPDOC-FGV e o SERCOM-Petrobrás (1987-90). A entrevista foi realizada entre os meses de maio e junho de 1988 na cidade do Rio de Janeiro.

escola famosa, a não ser nos dias que correm, em que nada mais no ensino vale, infelizmente. Mas era uma escola famosa e não tínhamos dificuldades em arranjar emprego naquela época, era outra característica daqueles dias. Então, com esse curso eclético, a gente podia trabalhar nessas especialidades.

Eu nunca fui participante ativo de diretório acadêmico, de centro acadêmico. A repercussão d' "O Petróleo é Nosso" parece que foi mais aqui no Rio de Janeiro e em grandes cidades. No interior de Minas, a não ser por notícias pelos jornais, não se notou nenhuma repercussão ou nenhuma atitude concreta da sociedade em termos da campanha "d' O petróleo é nosso".

Em Ouro Preto, o curso de engenharia de minas incluía a parte de prospecção mineral. Para fazer prospecção mineral, é preciso ter certa

instrução nas ciências geológicas, então na Escola de Minas havia inúmeras cadeiras relacionadas com as ciências geológicas: paleontologia, estratigrafia, mineralogia, petrografia. Quando se tirava o curso de engenharia de minas, essas cadeiras estavam incluídas, tinha que ser atendido o requisito de tirar todas essas cadeiras. Não existia curso de geologia do Brasil, tanto que o Conselho do Petróleo, e depois a Petrobrás, para treinar seu pessoal em geologia de petróleo propriamente dita, mandavam a gente para os Estados Unidos , o que aconteceu comigo em 1956.

Mas naquela época havia uma característica na Escola de Minas de Ouro Preto: por ser Ouro Preto uma cidade afastada - basta dizer que só no governo Juscelino ela foi ligada a Belo Horizonte por uma estrada asfaltada, tudo se fazia por um trem moroso, que tinha uma

baldeação em Miguel Burnier. Por esse afastamento, a Escola era um pouco isolada dos centros de construção civil, da indústria, mas tinha uma coisa que parece hoje ter enfraquecido muito no ensino universitário: a base sólida nas cadeiras fundamentais da engenharia.

De modo que o camarada tinha um curso de cálculo , tinha um curso de geometria analítica, tinha um curso de física, e isso, por si só, bastava.

Dizia um velho professor que “engenharia é física mais bom senso”. Então esses cursos eram muito rigorosos, e isso é muito importante. Porque as pessoas se preparam para a vida em termos de poder compreender, de poder alcançar as implicações de várias coisas que não estão diretamente ligadas à sua profissão. Por exemplo, eu, apesar de ter-me especializado mais tarde em geologia de petróleo, não sou especialista , mas

hoje não tenho nenhuma dificuldade de entender os assuntos de refinaria, os assuntos de engenharia para a construção das nossas jaquetas. Mesmo na parte de geologia. Porque os primeiros cursos de geólogo tiveram uma grande deficiência em termos de que se achava que geologia era uma coisa de memorização, descritiva, pura e simplesmente, quando a geologia envolve as ciências da terra, biologia, física, química e matemática, a matemática básica. Então, hoje, para entender esses fenômenos todos, é preciso ter essa base – também os geólogos. E essa base me ajudou muito. A físico-química, a eletroquímica, cursos que se tiravam naquela época, me ajudaram muito a progredir e a compreender a parte geológica. Mais tarde, quando me transformei num executivo, isso me ajudou a trafegar com certa facilidade nos meios da engenharia, embora eu não

tivesse a especialização. Mas, pelo menos, podia conversar a vontade com as pessoas que tinham essa especialização. Estou dizendo isso para mostrar o que foi o curso de Ouro Preto. Na minha opinião, no meu tempo, a Escola de Minas já estava acompanhando o ritmo do declínio do ensino no Brasil.

Na minha opinião, o clímax da Escola de Minas foi na década dos 40, eu diria de 35 a 45, por aí. Já falei com vários colegas que se formaram na década de 40 e eles concordaram com isso. Isso não é particular da Escola de Minas de Ouro Preto, é um contexto do país.

{Mas mesmo assim} algumas das figuras mais notáveis das ciências geológicas do Brasil foram formadas em Ouro Preto: Gonzaga de Campos, Eusébio de Oliveira, o próprio Glycon de Paiva, que é um sujeito muito falado aí.

Dr. Fleury foi meu diretor. Dr. Fleury é um dos homens que, na minha opinião, existem poucos hoje. E estão ficando cada vez mais raros. Era dessas figuras ecléticas. Foi um grande propulsor da indústria do carvão no Brasil. Eu, como colecionador de livros antigos, tenho os relatórios dele de 1922 na França estudando o carvão. Dr. Fleury era professor de pontes e grandes estruturas em Ouro Preto. E uma de professor. Então é uma figura notável, o dr. Fleury. Ouro Preto, de uma maneira geral. Ouro Preto já teve ministros de estado. Já teve Francisco Sá. O Israel Pinheiro, ex-aluno de Ouro Preto; o Euvaldo Lodi, homem da indústria; inúmeros homens públicos que foram formados na Escola de Minas de Ouro Preto. Hoje não se encontra mais esse povo.

{Depois de formado} eu me candidatei para trabalhar em Volta

Redonda e passei 20 dias aguardando minha admissão, fiz exames médicos etc. Mas, como não tinha mais dinheiro para esperar e apareceu um convite para trabalhar em petróleo, fui aqui na rua 13 de maio, 26º andar – o presidente era o dr. Plínio Cantanhede –, e me candidatei ao emprego. Pediram que eu dissesse as minhas pretensões e eu escrevi que queria ganhar 12 mil cruzeiros – naquele tempo parece que havia a letra O, que era dos 12 mil cruzeiros. E fui ganhando 12 mil cruzeiros, sendo sete e pouco fixos e o resto diárias – diárias essas que eu não recebia, porque as diárias eram só quando estivesse fora da sede. E o meu chefe sempre passava um telegrama em qualquer cidade do Piauí que eu me encontrasse, dizendo: “Agora esta cidade é a vossa sede”. Usava-se muito essa linguagem um pouco rebuscada nas comunicações oficiais – “a vossa” –, eu me

lembro muito bem disso. Mas entrei para o Conselho no dia 2 de fevereiro de 1953, depois de me formar na Escola de Minas de Ouro Preto, sendo que devia ter entrado para Volta Redonda. Tanto que, quando eu estava na cidade de Riachão, no Maranhão, mais precisamente numa fazenda chamada Fazenda do Baixão, a alguns quilômetros de Riachão, recebi um telegrama - telegrama, para chegar lá, não era muito fácil - me convidando para tomar posse no cargo da Siderúrgica Nacional. Mas aí eu já estava empregado.

Eu estava aqui no Rio, como disse, aguardando o emprego de Volta Redonda, e um concunhado meu, que ia casar com a minha cunhada, falou comigo: "Tem um emprego aí no Conselho". E eu tinha emprego no carvão, tinha emprego na Du Pont, naquele tempo não falta emprego.

O concunhado chegou e fomos lá. Eu, o meu concunhado e um que se apresentou recentemente, outro colega da turma de Ouro Preto. Chegamos os três. E havia três vagas: uma no Paraná, naturalmente foi o meu concunhado que descobriu, porque era do Sul do país, todo mundo queria ir, e as duas outras eram Bahia e Maranhão.

{Meu concunhado se chamava} Dirceu César Leite. Mora na Bahia, já é aposentado. Então ficamos de ir para a Bahia. Mas meu colega preferiu a Bahia, naturalmente , eu abri mão para ele., não iria nem se empregar, só queria ir para a Bahia. Eu falei: “Pode deixar que eu vou para o Maranhão”.

Então eu fui para o Maranhão, mas passei um mês na Bahia. O chefe era o Dr. Pedro de Moura, outra figura lendária do petróleo. É homem que em 1925 já tinha o seu acampamento na margem do Tapajós

iluminado com gás de petróleo - muito pouco, naturalmente, mas gás de petróleo, em 1925.

Subiu naqueles anos o Oiapoque atrás de ouro, subiu o Gurupi atrás de ouro, e em 36 estava fazendo geologia no Acre. Chegou a levar como assistente - não sei se a função era de assistente - mas levou certamente João Neiva de Figueiredo.

Eu me lembro que tinha um sujeito chamado Salomão kijner - já morreu, o nome é meio complicado, um nome judeu meio complicado -, e o Salomão falou com o Dr. Pedro de Moura: "Dr Pedro de Moura, quero levar o Carlos Walter ao Maranhão até a sonda onde ele tem que ir". Mas ele estava querendo dar um passeio. Então o Dr. Pedro de Moura falou: "Muito bem, Salomão. Você tira férias e vai com o Carlos Walter". Aí a conversa mudou.

Naquele tempo eram os tempos que se saía do Rio de Janeiro num avião DC-3 , Canavieiras, não sei mais por onde, ficava-se em Salvador hospedado no hotel Chile - porque o outro hotel era para gente melhor e o hotel Bahia estava sendo construído, ainda não existia -, depois a gente pegava um avião na Bahia , ia pela costa, e dormia em Fortaleza. Dr. Pedro de Moura tinha dois hotéis; aí ele fez uma grande concessão e mandou que eu me hospedasse no melhor - não me lembro mais o nome dos hotéis. De lá a gente pegava um avião, um DC-3 , parava em Teresina, Brejo, Floriano, e descia em Balsas. Em Balsas a gente descia na pensão da Iaiá. Não tinha cama - aliás, tinha um catre, que o Dr. Franklin de Andrade Gomes, que foi outra figura legendária da Petrobrás, deixou lá. Dormíamos ali e no outro dia subíamos na carroceria de um KB-6, internacional

KB-6, e viajávamos uns 90 km para chegar no poço - não tínhamos direito de viajar na boléia, porque na boléia viajava o engenheiro da sonda; o estagiário que tratasse de ir em cima da carga.

Entrei como geólogo, não me lembro mais, mas estagiário, certamente. Estive na Bahia durante um mês aprendendo a descrever testemunhos de rocha, aprendendo ...

Essas gerações novas que estão aí, surpreendentemente, impressionantemente, têm inúmeros valores. Apesar das deficiências do ensino, do descuido do governo - e esse descuido é propalado nos jornais -, é impressionante como se observa gente talentosa nessa juventude. Eu mesmo, nos cursos que criamos na Petrobrás em Ouro Preto, na Bahia, tive ocasião de observar isso. Gente que, se tivesse maior apoio universitário, poderia talvez constituir

uma liderança muito forte para o mundo científico brasileiro no caso de atividades tecno-científicas, ou mesmo para o mundo literário. Infelizmente o governo não tem dado esse apoio. Aliás, vi numa Veja uma entrevista falando sobre a “democratite” que grassa nas universidades hoje, que o reitor vai ser eleito pelos funcionários e pelos professores, e essas coisas todas que prejudicam ainda mais.

Eu, como ex-aluno de Ouro Preto, fiz uma coisa que talvez muitos me critiquem, e nesse ponto talvez até com razão; criei esse curso em Ouro Preto, e um curso igualzinho , no estilo das grandes universidades americanas, trazia professor de toda parte, punha lá treinando professores brasileiros ... E criei o curso de engenharia de petróleo em Ouro Preto. Foi só eu sair, tiraram o curso de engenharia de petróleo e levaram para a Unicamp. E o pessoal de Ouro

Preto , dormindo em berço esplêndido. Ninguém luta por nada. Daqui a pouco vai acabar também o curso de Geologia lá. Acabou tudo. Vocês precisam ver a aparelhagem que foi comprada para essa Escola de Minas de Ouro Preto, o equipamento que foi posto à disposição! Basta dizer que levamos para lá um computador Cyber - CBC, microscópios petrográficos ... Só um microscópio petrográfico que foi para lá, eu me lembro, custou duzentos mil dólares. Há pouco tempo escrevi um artigo numa revista, acho que foi Mineração e Mineralogia, “Uma oportunidade que não se deve perder” - isso depois de aposentado. Vocês precisam ver a revolta que isso causava em muita gente, porque eu era um ditador. Na verdade, quem tomava o curso para mim era um germânico, o Frank Falkenheim, que hoje está em Trindad-Tobago. Ele gostava

muito de ensino, então era quem tomava conta dos cursos para mim. Esse curso que fizemos em Ouro Preto era um curso de pós-graduação.

A TRADIÇÃO DA ESCOLA DE MINAS EM OURO PRETO⁴

Kleber Farias Pinto

Tradição. Esta palavra traduz todo o ambiente em que sempre viveram a cidade de Ouro Preto, a Escola de Minas e a Universidade Federal de Ouro Preto.

A cidade deu ao Brasil lições de independência política ao forjar o próprio promártir – o Tiradentes.

Foi também o centro maior da cultura das Minas Gerais, que se expandiu por todo o país.

Mas nunca, em nenhuma outra parte, tantos enfatizaram e praticaram a

⁴ Reproduzido de discurso de Kleber Farias Pinto em solenidade na Escola de Minas de Ouro Preto. S.d.

tradição do companheirismo, da solidariedade e da convivência comunitária como os estudantes desta casa.

Agora temos esta homenagem. Os antigos alunos de 50 anos de formados, junto aos de 25 anos, prestam um tributo de gratidão . E recebem distinções de apreço. Que alegria este reencontro das bodas de ouro e prata.

Foi dos bancos desta Escola que saíram os técnicos que formaram e formam a consciencia geológica e mineral brasileira.

Quando aqui se instituíram os cursos de engenharia civil, há cerca de um século atrás, o Brasil dava, ainda, os primeiros passos no setor de obras civis. Outras faculdades também surgiram para satisfazer às necessidades do emergente grande Brasil. Mas foi daqui que saíram

os grandes nomes para a arrancada nacional.

Um curioso fenômeno ocorreu no meio deste século. Quando o país decidiu congrega a sua mais expressiva equipe de engenheiros para construir a sua própria capital, em apenas três anos – desafio técnico que pasmou a comunidade internacional – foi na Escola de Minas que vieram recrutar os homens-chaves para tão difícil empreitada. Escolheu bem o Presidente Juscelino Kubitschek. E Brasília foi inaugurada na data marcada.

E eu lhes trago o meu testemunho, citando os nomes desses antigos alunos, os mais autênticos pioneiros de uma epopéia da Engenharia brasileira.

Israel Pinheiro, 1º aluno da sua turma, foi o grande mestre-de-obras, como Presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital

(NOVACAP), centralizando, em suas mãos, todos os poderes de mando. Como coroamento do seu brilhantismo, foi nomeado o 1º prefeito da capital. Israel era duro, honesto, íntegro. O Estado é leigo. Vocação ouro-pretana foi aplicada.

Para Diretor Executivo, número dois na hierarquia, convocou-se Moacyr Gomes de Souza, que veio a ser o sucessor de Israel na Presidência da NOVACAP, tendo terminado sua carreira como Ministro do Tribunal de Contas.

Para chefiar as obras básicas de infraestrutura de abastecimento de água e esgoto foi-se buscar a figura simpática de Targino de Souza (Frambach - Zebra de Tróia).

A concepcao, projeto, execu o e manutencao de todos os serviços de eletricidade e hidraulica foram confiados a uma equipe comandada por Cássio Elísio Figueiredo Damázio na EBE

(Empresa Brasileira de Engenharia), que contava também na sua equipe com Celso Coelho de Souza, Eitel Burger Frambach e Kleber Farias Pinto, este orador. O Cássio, o Pavão, ficou famoso e se realizou no centenário. Frambach era um filósofo e instituiu o regime anárquico, o relógio. Kleber ostenta como o seu maior galhardão o título de fundador da República Formigueiro.

Mas a parte crucial, para se implantar a capital no deserto do Planalto Central, era a demarcação das obras, avenidas, etc. Para chefiar esta tarefa à frente do Departamento de Estudos e Projetos, foi convocado o Joffre Mozart Parada que, assim , tornou-se o 1º engenheiro a colocar os pés na nova capital, tendo sido, posteriormente, Secretário de Serviços Públicos.

No controle para o cadastro da cidade ficou o Lívio Apeles de Araújo.

José Fabiano de Figueiredo chefiava o setor rodoviário no Departamento de Viação e Obras. O Romeu Scorza era o homem do setor de contratos da NOVACAP. Luiz Felipe de Araújo fiscalizava as obras empreitadas. Geraldino Machado de Araújo foi Prefeito de Planaltina, cidade que deu origem a Brasília pela cessão de parte do seu território.

Para construir casas foi contratado o Custódio Braga Filho com a BRAENCO (estivemos juntos em Brasília). Toma providências para receber sua fatura. Ouro-pretano casado com ouro-pretana no dia seguinte que se formou.

Com a sua construtora, lá estava o Leonino di Ramos Caiado, que construiu as residências dos Ministros de Estado, vindo mais tarde a tornar-se Governador do Estado de Goiás. Com ele lá estavam o

Luis Ignácio Jacques de Moraes e o Álvaro Otávio Macedo de Andrade.

José Carvalho Filho, hoje presidente da FERBASA e da Associação dos Produtores Brasileiros de Ferro-Liga, foi construtor dos grandes viadutos, acompanhado de Antônio Augusto Oliveira, o Tucha.

Uk Mendonça Lima construiu e pavimentou as avenidas, Carlúcio Barbosa da Silva era o fornecedor principal de brita para o concreto, Otto Nascimento construiu edifícios de apartamentos e acabou sendo Diretor da Eletronorte, Clay Mendes sempre esteve ligado às obras civis, Jaime Marcos Cohen dedicou-se à construção de residências e Juber Vieira de Rezende e Artur Werneck construíram os primeiros acampamentos.

Portanto, foram os homens que emigraram da velha Vila Rica, capital da Província, os que fizeram a mais ousada

capital do país. E é o espírito inovador e audacioso desta conquista que queremos deixar como lição para a tradição do amanhã.

Saudamos a Escola de Minas, ativa, criativa e sem temores, sempre à frente dos acontecimentos e presente em todos os setores do progresso.

Saudamos o Amaro Lanari Júnior, aqui presente, criador da Usiminas e o presidente da FIAT. Muito merecida a galhardia da homenagem que hoje recebe.

Saudamos a Escola de Minas, por seus antigos alunos chefiando a maior mina a céu aberto no mundo, em Itabira, ou a mina que em muito lhe supera, em Carajás, com seus 18 bilhões de toneladas de minério de ferro.

Saudamos os antigos alunos que se encontram nas Diretorias da Petrobras, na Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais (CPRM), na VALESUL

Alumínio, na ALCAN, nas grandes mineradoras, nas universidades de muitos países, na governança dos estados, no Senado da República, nos grandes conglomerados financeiros, nas pesquisas científicas, na criação do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, nas empresas de navegação marítima, etc.

Saudamos a Escola de Minas pelos companheiros atuando no Brasil e no exterior nos postos-chaves quer de uma multinacional brasileira como a Companhia Vale do Rio Doce, quer nas maiores multinacionais de mineração estrangeira como a Shell e tantas outras.

Saudamos a grande e curiosa liderança do passado quando um civil, antigo aluno da nossa Escola, engenheiro de minas, foi escolhido para ser Ministro da Guerra. Esta foi a grande façanha de Pandiá Calógeras.

Saudamos a França de Henry Gorceix e a *Ecole de Mines*, a quem retribuímos em Paris, no ano passado, em sua festa de 200 anos, as homenagens que vieram nos prestar aqui no primeiro centenário da nossa Escola.

Saudamos a lucidez de Dom Pedro II pelo seu ato de 1876 ao instituir esta casa de Engenharia.

É uma mensagem pela liderança através da competência que queremos deixar bem viva.

Liderança que será seguida por esta juventude a quem entregaremos nosso bastão com a certeza de que serão mais capazes do que nós de manter bem alta a saga de bons companheiros que se cultiva nas repúblicas de Ouro Preto. Como tal , não há igual em parte alguma.

Saudamos a família ouro-pretana, que sempre nos recebeu como filhos. Muitas vezes malcriados e irreverentes.

Saudamos a tradição secular da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto, a nossa querida Escola de Minas de Ouro Preto.

Saudamos o companheirismo que aqui se forja, essência do próprio homem. Viva Ouro Preto.

A VIDA NA “CONSULADO” NA DÉCADA DE 50⁵

Eurico Martins de Araújo

Não possuímos registros relativos ao ano em que as primeiras repúblicas estudantis surgiram na ex-capital mineira. A Escola de Minas de Ouro Preto foi fundada a 12 de outubro de 1876, por Dom Pedro II. Quando ela iniciava a formação de engenheiros de minas e metalurgistas, a Escola de Farmácia de Ouro Preto desde 1838 já existia. A mudança da capital de Minas para Belo Horizonte (antigo Curral Del Rei),

⁵ Retirado do livro *Prosa e Verso do Meu Universo (Crônicas e Poemas)*, de autoria de Eurico Martins de Araújo.

ocorrido em 1897, acarretou sérias conseqüências econômico-financeiras e declinou as atividades de um modo geral na ex-Vila Rica.

Com a transferência de funcionários e comerciantes, muitas casas ficaram desocupadas. Os valores dos aluguéis baixaram a níveis inimagináveis, pois não havia procura. Ao invés de aumentar, a população economicamente ativa diminuía. Tais fatores foram decisivos para a proliferação das repúblicas estudantis. Eram constituídas por jovens vindos de todo o país. Seus precursores, seguramente, foram os nordestinos. Formavam expressivas colônias na cidade, mormente de cearenses e paraibanos.

Ao tempo em que estudei em Ouro Preto, a maioria delas abrigava alunos da Escola de Minas, com nomes os mais diversos, alguns até folclóricos. Com o

passar dos anos, seus moradores provinham de todas as regiões do país e até do exterior. É a instituição mais eficiente e democrática que já conheci. Sob o mesmo teto, convivem harmonicamente ricos e pobres, católicos, espíritas e protestantes, judeus e árabes. Todos, indistintamente, com os mesmos direitos e deveres. Seu funcionamento é muito simples. No início do ano letivo, sorteiam-se as presidências, cada uma com duração de 01 mês. As despesas e receitas eram anotadas em livro-caixa (o da Consulado recebeu o nome de Alcorão). Dividiam-se as despesas pelos republicanos. O dinheiro era arrecadado pelo presidente do mês e as contas por ele quitadas. A cota de cada uma era a “dolorosa”.

Havia poucas repúblicas de secundaristas. A mais conhecida era a “Inferno”, de estudantes da Escola Técnica de Mineração e Metalurgia, anexa

à Escola de Minas. Funcionava no sobradão em que morava Gonzaga, o poeta arcadiano - Dirceu - apaixonado por Maria Dorotéia Seixas - Marília - então no frescor de seus 15 anos. Havia lá um "museu de objetos pertencentes a Marília e Dirceu". Cenas do filme "Rebelião em Vila Rica" (1957), foram filmadas, dele participaram, como figurantes, alunos da EMOP.

Na rua das Escadinhas, durante a 2ª Guerra, foi fundada a Berchtesgaden - "O Ninho da Águia" - em alusão ao refúgio de Hitler nos Alpes, na distante Bavária. Por alguns anos, habitou-a o grande amigo Fuad Rassi, prematuramente falecido, juntamente com a esposa, numa viagem de carro a Mato Grosso. Nos seus últimos anos em Ouro Preto, morou na Sinagoga. Por aí se vê o ecletismo das repúblicas, um filho de árabes habitando templo israelita ...

Bem antiga, vizinha do Teatro Municipal, localizava-se a Vaticano. Seu escudo, urubu trepado no penico, pelo seu simbolismo e irreverência, despertou a ira da católica população ouropretana. Um de seus moradores à época da contenda era o uberabense Irineu Borges do Nascimento, íntegro e competente engenheiro que relevantes serviços prestaria ao nosso estado e a ele acha-se perfeitamente integrado. Em 2004, festejamos o seu 80º aniversário.

A bagaceira, Pif-Paf, Quitandinha, Castelo, Mansão dos Nobresm, Formigueiro, Arca de Noé, Verdes Mares, Tabu, Sparta, Hospício, Canaã, Sinagoga, Reino de Baco, Pureza, Maracangalha, Território Xavante, algumas das repúblicas existentes na década de 50 na histórica e hospitaleira cidade.

Propositalmente, deixei para citar por último a “Consulado” (antiga

Consulado da Paraíba). É a que mais de perto me diz respeito. Nela vivi durante o meu curso da Escola de Minas. Situa-se entre as igrejas de São Francisco de Assis - "São Xico de Baixo" - e a de Nossa Senhora das Mercês e Perdões - "Mercês" - na rua do mesmo nome. A proprietária do imóvel era a Casa do Estudante de Ouro Preto. Com o decorrer dos anos, deixou, na prática, de ter qualquer domínio sobre ele. Não havia cobrança de aluguéis, nem de outras taxas. O mesmo acontecia com os outros imóveis a ela pertencentes.

Na "Consulado", quando um de seus moradores se diplomava, a vaga era ocupada por aluno da Escola de Minas indicado por um dos cônsules. Para ser nela admitido, deveria ser unanimemente aceito por seus futuros colegas. Cid Marcos fora indicado pelo seu ex-companheiro de quarto da pensão Maia,

João Ruy. Este também obteve do goiano Afif Dirane que me apresentasse como seu candidato a nela morar. Aceitos, em março de 55, tornamo-nos cónsules.

Além de nós, 7 outros universitários a habitavam. Cada um tinha o seu próprio quarto. Éramos os calouros (“bichos”), havia o sextanista Jeremias (“doutor”), os demais cursavam do 2º ao 5º ano.

Notável é a experiência vivida pelo jovem numa comunidade acadêmica como a nossa república. Aprendemos a saber quais são os nossos direitos e onde começa o do colega. Fraternal era a nossa convivência, vibrávamos com as suas conquistas, entristecia-nos com as derrotas. Nela havia 2 goianos, 2 paulistas, 1 capixaba e 4 mineiros.

O Jeremias Rodrigues Homem era mineiro do interior: Cursava o último ano. Preocupava-se com a sua precoce calva. Falava muito em “fazer o pé-de-meia”.

Brincava que quando o pai morresse, iria rasgar o seu colchão para dele retirar o dinheiro por ele guardado. Em 2005, recebi convites tanto da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) como da “Consulado” para comemorar o jubileu de ouro de sua formatura.

Will Damaso de Oliveira, também mineiro do interior, era pessoa singular e misteriosa. Parece-me que era o seu mais antigo morador. Inteligente e possuidor de sólidos conhecimentos, classificara-se em 1º lugar no seu vestibular. Notívago, dava longas caminhadas de madrugada pela silenciosa cidade. Era líder político, militara no PSD, fora vereador e presidente da Câmara Municipal. Magérrimo, alguns o chamavam de “seco”. Certa manhã, trêmulo, perto da morninga, estava com o corpo de líquido incolor, quase cheio, na mão. Aproximei-me dele, dizendo: “Tomando água logo

de manhã, Will?” Respondeu-me: “Não é água não, sô”. Pedi-lhe para me deixar cheirar seu conteúdo, recusou-se, retrucando: “Não sô, desperdiça”. Ato contínuo, sorveu-lhe o conteúdo de uma só vez. Formou-se em 1956, mas só deixou a república no 2º semestre de 57. Nesse período, ficou cultivando a nossa horta ... Já é falecido

Thales Mota, mineirão tranqüilo, ótimo temperamento. Diplomou-se em 1956. Filho de fazendeiro, meteu-se a matar porco criado no quintal da república. Diziam que o sangrou no sovaco direito e que ele só morreu de raiva. No 50º aniversário da Consulado em 1987 - 108 ex-cônsules estiveram presentes - encontrei-o na praça Tiradentes, quando íamos embarcar no ônibus que nos levaria à estação férrea para o passeio a Mariana. Perguntou-me de chofre: “Como é, Eurico, o Newton

Cardoso ganha?” Respondi-lhe, sem pestanejar : “Se Deus quiser, não”. Estupefato com a minha resposta, disse-me: “Precisa ganhar, sô, é meu cunhado. Quero vir para Belo Horizonte”. Para tranquilizá-lo, emendei: “Então, Thales, vai ganhar”. Newton venceu Itamar Franco e elegeu-se governador de Minas Gerais. Recém formado, fora para Brumado, BA, trabalhar em mineração, casando-se com uma irmã de Newton.

Délcio Vieira Reis, paulista, na adolescência morara na cidade de Goiás. Tinha notável presença de espírito, não deixava nada sem resposta. Vivia às turras com o Gilson. Certa vez, durante o jantar, lançou-lhe o colega uma série de impropérios. Tudo ouviu, calmamente. Ao final, disse apenas: “E eu, Délcio Reis”. Furioso, o contendor fitou-o longamente, desafiador. Délcio sorriu e falou-lhe: “Já deixei de flertar com homem”. Todos

riram e a paz voltou à Consulado. Exercera o seu pai em Goiás a gerência de Banco Mineiro (Hipotecário ou Lavoura). Matara aula no Liceu, colocara os livros às costas, invertendo o cinto e a fivela, com o “pito na boca”. Jogava sinuca, a partida estava pela bola 7. Antes da tacada decisiva, resolveu olhar para cima. Na sua frente, nada mais, nada menos, do que o seu pai. Sem vacilar, mirou a saída e só foi parar na sua casa. Nunca nos falou a respeito do que acontecera depois. Escreveu hilária peça para o Teatro do Estudante da Escola de Minas. Foi professor na Escola e engenheiro em Saramenha. Estivemos juntos em 1987, no 50º aniversário da nossa república. Faleceu anos depois.

Gilson Alves Lara, paulista, foi ótimo companheiro. Seu avô possuía fazenda em Mato Grosso, não se cansava de relatar as aventuras que lá vivera. Ia a pé

da república até a mina da passagem, próxima de Mariana, para estar nos fins de semana com a Helenice, com quem se casou ao final do curso. Dizia ser a coisa mais simples do mundo fazer amizade em São Paulo, onde morava. Numa fila de ônibus, bastava dirigir-se ao vizinho e dizer: “Eu sou o Gilson, e voce?” Nem é bom falar a “gozeira” que levou dos demais republicanos. Ao formar-se, foi trabalhar na COSIPA.

Afif Dirante habitava o bairro de Campinas, em Goiânia. Muito compenetrado e responsável, não participava dos intermináveis e animados “bondes” que a turma pegava à noite, na cozinha, à hora do lanche. Trabalhou como supervisor na extração de mármore de uma pedreira e depois em Saramenha, já no 6º ano. Empolgado com as teorias cosmogônicas que estudara em Geologia, dizia-me que o seu maior desejo era estar

sentado numa cadeira, em lugar privilegiado do universo, para assistir à sua formação. Diplomado, participou da construção de Brasília. Em Goiânia, instalou a “Afif Dirane Engenharia”, onde prestou relevantes serviços à cidade.

João Ruy Ribeiro Ferreira, mineiro de Sabará. Seu pai diplomara-se em Farmácia em Ouro Preto e exercia a profissão naquela cidade histórica, sede do “Museu do Ouro”. Seu avô fora catedrático da Escola de Minas. Ao submeter-se à prova escrita, leu as questões e permaneceu contemplativo por longo tempo, o que preocupou os seus examinadores. Repentinamente, começou a lançar no papel o seu desenvolvimento e só parou quando terminou a última delas. Todas estavam absolutamente certas! Em 1971, ele e o Cid Marcos, sócios proprietários de empresa de engenharia em Belo Horizonte, procuraram-me no CREA - 15^a

Região (Goiás e Tocantins), eu como seu presidente. Vieram participar de licitações na Secretaria de Planejamento de Goiás. O Engenheiro Oton Nascimento, ex-aluno da Escola de Minas, a presidia. Foi um dos mais completos profissionais que atuaram em Goiás e Brasília, um dos fundadores da Escola de Engenharia de Goiás e seu primeiro diretor. Em sua memória, a CELG instituiu a comenda que leva o seu nome. São com ela agraciadas personalidades que relevantes serviços prestaram à empresa. Resolveram, como ex-alunos de Ouro Preto que eram, cortesmente, visitá-lo em seu gabinete na Seplan. João Ruy, na ocasião, encontrava-se em estado de permanente euforia, achava tudo barato, não titubeava em fazer grandes compras, comprometendo seu futuro financeiro. Qual não foi a surpresa do Cid Marcos quando, ao despedir-se do Engenheiro

Oton, João Ruy acariciou-lhe a calva, como se ela fosse um bebê. A partir daquele inconseqüente gesto, Cid não teve dúvida, “a vaca tinha ido para o brejo” ...

UM POUCO DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA⁶

Francisco de Assis Magalhães Gomes

Com o tempo, procurei me aproximar dos meios nacionais. Essa parte é interessante também. Eu era tímido. Havia sido criado em Ouro Preto e aqui em Belo Horizonte, meio isolado. Eu era um homem tímido, o que hoje não sou absolutamente. Surgiu então a minha grande oportunidade. Tendo entrado para a Escola de Engenharia, procurei estudar por minha própria conta. Eu tinha alguma experiência de laboratórios, principalmente dos laboratórios da Escola de Minas de Ouro Preto. O Colégio Arnaldo tinha um velho professor, padre Matias, que era físico experimental. Ele

⁶ Depoimento reproduzido e editado do texto da entrevista original do CPDOC da FGV.

tinha um laboratório de Física bem razoável, de equipamento alemão. Eu era muito amigo dele. Procurei trabalhar no laboratório dele, que não era, digamos, de alta pesquisa, mas que dava uma idéia muito boa de fenômenos físicos importantes. Com isso eu me beneficieei. E com esses livros e revistas que eu lia, etc., pude estudar até 1938.

Com mais 5 anos de estudos me arrisquei a fazer o concurso de catedrático da cadeira de Física da Escola de Engenharia. Na mesma época, estavam vagas as duas cátedras de Física da Escola de Minas, onde eu tinha estudado e tirado um prêmio. E fui muito solicitado pela direção da Escola de Minas e pelos meus colegas a fazer um concurso lá. Neste ínterim, tive um desgosto na Prefeitura com a parte política, no sentido mais vulgar da palavra, que nos causava muitas dificuldades. Então me exonerei.

Licenciei-me da Prefeitura e me arrisquei a fazer os dois concursos. Um em março, o outro em abril de 1938. E entrei sozinho.

Tive a honra de ser examinado por Carneiro Felipe, que era uma das glórias da ciência nacional. O outro era um professor chamado Hein. O Dr. Joaquim Ribeiro de Oliveira, de Juiz de Fora, grande matemático, também tomou parte da minha banca, professor muito competente. Mas aí eu me saí bem. Fui aprovado com notas bastante boas nos dois concursos. Não tirei dez, mas tirei alguma coisa logo abaixo. Eu conhecia certas deficiências minhas, principalmente a de nunca ter tido um grande laboratório, e a banca viu isso com a maior severidade. Mas eu me saí bastante bem.

Tornei-me então catedrático efetiva de Física da Escola de Engenharia da Universidade de Minas Gerais e da Escola de Minas, que naquele tempo se chamava

Escola Nacional de Minas e Metalurgia, porque pertencia à Universidade do Brasil. Ela tinha passado de escola isolada a uma escola da Universidade do Brasil. Então eu ficava três dias em Belo Horizonte e três dias em Ouro Preto, dias úteis, cumprindo religiosamente o horário.

Fiquei com um certo prestígio pessoal no ambiente da Física brasileira. Dizia-se: “Há um professor que fez duas cátedras de Física lá em Minas”. Havia alguns professores do Rio que tinham me examinado, e eu fiquei conhecido como uma pessoa que queria voltar sua vida para o estudo da Física. Isso me abriu as portas para o ambiente científico nacional.

Eu compreendi que meu papel era intermediário. Eu parti do ensino profissionalizado para ver se criava ciência com pesquisa. Na minha velha Escola de Minas houve pesquisas,

principalmente no campo de Geologia. Mas não era meu campo. Aí, só havia pesquisas originais - nos tempos mais, porque os franceses eram pesquisadores. Gorceix o fundador da Escola, era um pesquisador da maior classe. Em geologia e química aplicada era muito bom. Mas nos outros ramos não havia pesquisa lá. Eu compreendi que meu papel não era ser um pesquisador especializado, e o que eu podia fazer, sendo detentor das duas cátedras de Física e começando a ter influência nos meios nacionais, era criar um ambiente propício para depois obter os pesquisadores.

Fui então eleito para a Academia Brasileira de Ciências como uma pessoa que contribuiu para o desenvolvimento da Física no Estado de Minas Gerais. Isso eu aceitei porque é o título que eu tenho, mas não porque publiquei trabalhos originais em Física.

Na década de 40 fui membro do Conselho Nacional de Pesquisas na Comissão Deliberativa do Governo Café Filho. O Juscelino não me nomeava. Eu era da UDN e ele não me nomeava de jeito nenhum, e se recusou a me reconduzir. Eu tinha unanimidade de votos no Conselho. Sendo indicado a ele, fui recusado. No entanto, eu mantinha com ele relações pessoais - ele era bem educado, simpático. Mas ele não perdoava. Ele não punha um adversário político em nenhum lugar de relevo, não punha mesmo. Não me queixei porque sabia que era uma coisa do arbítrio da República. E não pleiteava nada de arbítrio de Juscelino, apesar de eu ter sido indicado por unanimidade.

O papel do CNPq era de auxiliar a criação de laboratórios de pesquisas, etc.

Em 1950 eu abandonei a Escola de Minas, onde tinha lecionado durante 13

anos, por causa da federalização. Lá eu tinha direito a duas cátedras. Então já era permitido acumular. Era bom, eram dois ordenados de catedrático. Mas eu tinha a Filosofia e Engenharia aqui. Então, com a federalização, optei pelas escolas de Belo Horizonte. Estava ficando muito difícil para mim ir a Ouro Preto. Em 13 anos e meio em que fui professor – isso é só como curiosidade – tive 17 faltas.

A universidade tem uma estabilidade que nenhuma outra instituição tem. A única instituição que tem a estabilidade das universidades do mundo inteiro, no ocidente, é a Igreja Católica. Mas as universidades são órgãos governamentais, as grandes universidades são todas do governo federal. Quem pode sustentar uma universidade pelo dinheiro da taxa de alunos?

A FUNDAÇÃO DO RESTAURANTE DA ESCOLA DE MINAS DE OURO PRETO (REMOP)⁷

Aziz Assi e Francisco Carlos Pinheiro Faro

Inicialmente, pensamos em instalar o nosso REMOP no porão do cine Vila Rica, de propriedade do Sr. Salvador Trópia. Entretanto, após análise mais apurada, verificamos que o local exigia um bom volume de obras e que no final, iríamos ter um restaurante que não traduzia nossas intenções.

Outra solução foi encontrada, qual seja, a de se realizar a troca entre a sede do CAEM com o prédio do fórum ouropretano. Esta solução, também foi

⁷ Texto editado a partir da entrevista concedida a Otávio Luiz Machado.

descartada e passamos então a defender a idéia do Governo do Estado de doar o andar térreo do fórum ouropretano , para instalação do nosso restaurante.

A nosso pedido, Dr. Salathiel solicitou audiência com o Governador do Estado, então o Sr. Bias Fortes, à qual comparecemos e lhe expusemos nosso projeto.

Grande foi a nossa satisfação ao ver que o Sr. Governador acolhera o nosso projeto, muito embora tivesse nos dado uma decepção inicial, quando nos disse não poder doar o pavimento térreo do fórum ouropretano, por pertencer a Justiça Estadual.

Contudo , o Sr. Governador ao ouvir as razões pelas quais o fórum ouropretano tinha sido incendiado, logo logo, passou para o nosso lado.

Nossa explicação foi a seguinte: o prédio do fórum ouropretano foi vítima

de incêndio porque, por ser demasiado grande para os trabalhos judiciários, o andar térreo tinha sido alugado à terceiros, que fez dele depósito de óleos e combustíveis. Agora, após a sua reconstrução, continuaria o mesmo a ser excessivamente grande para os trabalhos do judiciário ouropretano. Nessas condições, um restaurante adaptado no andar térreo deste edifício, tinha não somente a finalidade de servir refeições aos estudantes locais, como também de estar o conjunto sempre vigiado porque, ali, existiria gente o dia todo.

Ao ouvir isto, o Sr. Governador mudou imediatamente sua posição, disse-nos poder alugar o andar térreo do prédio, aos alunos da Escola de Minas, sendo responsável pelo pagamento do aluguel a loteria do Estado de Minas Gerais.

Prometeu-nos o Sr. Governador estudar melhor o assunto juntamente com seus auxiliares e, posteriormente, comunicaria ao Sr. Diretor da Escola de Minas, a solução por eles encontrada.

Regressamos a Ouro Preto e, uma semana após, o Dr. Salathiel mandou o Sr. Argemiro Aleixo, então funcionário da Escola, nos procurar para nos dizer do seu desejo de conosco conversar.

Imediatamente, fomos a seu encontro e aí, soubemos que o Sr. Governador Bias Fortes havia colocado o andar térreo do fórum ouropretano, à disposição dos alunos da Escola de Minas, para realização de seu grande sonho.

Alegremente nos despedimos do Sr. Diretor e saímos espalhando a boa nova! Toda Ouro Preto vibrou pois, a foguetada que se viu e ouviu por mais de uma hora denunciava a nossa satisfação.

A partir deste instante, mãos à obra!
A primeira providência a adotar era naturalmente o projeto do restaurante. Quem iria dele se ocupar?

Habitara conosco na República Formigueiro um carioca muito bom desenhista, que tentara prestar vestibular para a Escola de Minas. Cheguei mesmo, certa ocasião, a falar com o cidadão sobre a minha discordância em vê-lo desejar ingressar no curso de Engenharia de Minas, Metalúrgica e Civil, quando seus dotes apontavam para Arquitetura. Indiretamente fui ouvido e hoje, é ele um arquiteto! Chama-se Carlos Alberto Gaia Vidal. Este amigo, a nosso pedido, foi projetista do nosso Restaurante, o famoso REMOP!

Assim, então dispúnhamos de um local (o pavimento térreo do Fórum) e de um projeto. Faltava-nos o dinheiro, etc. Como conseguir?

Na época, era notória a presença de ex-alunos da Escola de Minas de Ouro Preto em posições de destaque nas diretorias de grandes empresas, tais como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), a Companhia Siderúrgica Belo Mineira (CSBS), as Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais (USIMINAS), a Aços Especiais de Itabira (ACESITA), a Petróleo Brasileiro S.A. (PETROBRAS), a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), a Companhia Siderúrgica Paulista (COSIPA), dentre outras.

De 1945 a 1957, a idéia do Dr. Reynaldo Alves de Brito esteve sepultada. Um dos fundadores do REMOP (Faro) relata que a idéia de construção de um restaurante na Escola de Minas voltou à baía quando, designado pelo D.A. para representá-lo em um evento universitário instituído pelo DCE da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo

Horizonte, se deparando com o restaurante da UFMG. Ali estava a solução para o nosso problema alimentar em Ouro Preto, na sua concepção.

Assim, animados com o que vimos e experimentamos, tratamos, na época oportuna, de apresentar uma chapa composta de elementos trabalhadores e entusiastas do projeto, para concorrer às eleições da nova diretoria do DAEM, eleições estas, prestes a se realizarem.

Nossa plataforma eleitoral foi a construção do REMOP, sustentada pelo volume de trabalho prestado aos colegas da Escola, como representante do D.A. junto à Diretoria do CAEM, como secretário do CAEM e seu Presidente.

A chapa apresentada era composta dos seguintes alunos da EMOP: Francisco Carlos Pinheiro Faro (Presidente), Euler Guilherme Apolinário (Vice-Presidente), Aziz Assi (1º Secretário), Sérgio Bastos de

Azevedo (2º Secretário) e Wilson Sales Rodrigues Branco (Tesoureiro).

Eleita a nova Diretoria do DAEM para o período 1958-59, são os responsáveis pela construção deste grande empreendimento estudantil, que se tornou possível graças ao empenho dispensado a nossa causa por elementos de peso no contexto nacional.

Primeiramente devemos ao Dr. Salathiel Torres, então Diretor da Escola de Minas, o esforço empreendido, para que tivéssemos sucesso em nossa empreitada. Dr. Salathiel logo compreendeu que a Diretoria do D.A. que acabara de ser empossada dera mostras de ser constituída por elementos sérios. E que por isso ele e toda a Congregação a amparavam.

A CRISE ECONÔMICA BRASILEIRA E A JUVENTUDE⁸

Joaquim Maia

A) Conceituação da Crise Econômica Brasileira

1) A crise econômica brasileira – como de resto qualquer crise deste gênero – não resulta de fatores isolados mas de uma ampla complexidade de elementos, intimamente entrosados e profundamente radicados na nossa extremamente falha estruturação social.

2) A agravação momentânea da crise não é, paradoxalmente, fruto de uma depressão, mas sim de uma evolução

⁸ Reproduzido da Revista da Escola de Minas. De dezembro de 1953.

repentinamente acelerada, sem previsão, sem coordenação, sem a devida planificação. Tanto é prejudicial a estagnação como a tentativa de um progresso demasiado rápido, que não encontre consonância no ritmo normal evolutivo, na realidade do meio e na receptividade do preparo prévio dos que o deverão orientar e executar. Se a natureza não faz saltos, muito menos os fazem as nações na senda evolutiva. O ritmo do progresso pode e deve ser cada vez mais acelerado, mas não aos trancos: a força de inércia perturbará os objetos no seu arranjo prévio e o conjunto não se deslocará como um todo estruturado e harmônico, mas tumultuadamente, desordenadamente, fragmentando-se e mutilando-se. A desarmonia brusca de um arranjo pré-existente é crise.

Manifestado o desequilíbrio, o estancamento repentino é igualmente

perigoso e pode acarretar males idênticos, agravando a situação. A prudência aconselha um retardamento lento até a atenção do ritmo normal evolutivo, para voltar então a uma aceleração gradativa. Nós estamos numa fase de aceleração demasiado brusca, aos arrancos, e os nossos dirigentes hesitam ante o desastre eminente: não sabem se mantêm a aceleração, se amortecem ou se pisam no freio, numa tentativa heróica de regulação que pode acarretar o desastre final.

3) Dos inúmeros males responsáveis pelas nossas fracas possibilidades económicas e que nos conduzem a uma vida em permanente estado de sub-crise, a maioria decorre de *deficiencia educacional*, no sentido amplo do termo educacao, isto é, na sua acepção de preparo para a vida digna. Não é, pois, uma decorrência mesológica, bem inerente ao homem físico. É de seu preparo psicológico,

refletindo-se na estrutura social estabelecida - obra sua, seu próprio reflexo.

Dentre êsses inúmeros fatores, alguns podem ser aqui citados, sem relação de primazia.

a) Baixa produtividade individual -

Economicamente, os homens se contam pela sua capacidade de ganho, condicionada à de produção. A do grosso do novo povo é extremamente baixa, tanto por carência de meios técnicos (métodos e aparelhagens), como pela falta de aptidão individual. Não há cultivo da capacidade produtiva, não há preparo direto ou indireto para um trabalho valioso e eficiente. A maioria de nosso infeliz e descurado operariado só possui, para ganhar a vida, os mesmos braços de que o apercebeu o nascimento, uma

mesquinha fôrça de um corpo mal nutrido e a perplexidade de uma Inteligência desorientada – que nos seus reflexos lúcidos se rebela contra a incapacidade criadora, contra o estelionamento a que a votou a organização social. Recuperar o homem, dar-lhe capacidade de prover uma vida digna, pelos seus próprios esforços, pela sua mesma produtividade econômico-social é a *Grande* tarefa que se impõe ao país. Não conseguiremos isso com demagogia, com decretos, com aumentos compulsórios de salários, com tiradas filosóficas, etc. temos de atingir a causa: *dar ao homem capacidade de produção*. Educá-lo para a vida, dar-lhe profissão, aprimorar as aptidões individuais. Mas com objetividade, com realismo, preparando homens para o *nosso* próprio meio, com atenção à sua evolução natural e não com fantasias improdutivas. À medida de nosso progresso técnico,

haverá um harmônico aumento de capacidade produtiva.

b) Baixo nível moral

Ouve-se frequentemente que todos os nossos males derivam da falta de moralidade; a verdade anda muito próximo disto, porque a Vida é muito mais o homem-psíquico que o homem-físico. Vivemos o primitivismo educacional e, incapazes de satisfazer sequer os apetites físicos, nem tempo nos sobre para cuidarmos das faculdades intelectuais e morais, para a essência que diferencia os homens da animalidade. Como se fòra possível desmembrar o *todo humano*, saciar parcelas do Homem Integral ...

Neste sector, não evoluímos: pelo contrário, retrocedemos. Tudo que havia de nobre na função educacional foi, pouco

a pouco, sendo abolido, em favor de ensinamentos considerados *mais práticos*, de *maior utilidade imediata*. Suprimiram-se os ensinamentos morais, cívicos, sociais, filosóficos, ou se os substituíram por princípios mais *positivos*, como tais considerados os *materialistas*. Apenas a religião perdura, excluída dos currículos oficiais, flama única, bruxoleante mas sempiterna, que preserva ainda algo da moralidade educacional num povo deseducado, que o refreia e permite a manutenção de um estado social tolerável, onde a vida ainda seja digna de ser vivida. De tal forma se alastrou a amoralidade que absorveu todas as nossas camadas sociais, a ponto das mais elevadas serem consideradas o exemplo da depravação. Mas, se nelas isso é ainda mais censurável, por não se coadunar com a pressuposta cultura intelectual, em verdade a amoralidade não é privilégio

delas, mas um mal generalizado, condicionado apenas às oportunidades de se manifestar. Tanto retrogradamos neste sector que aqueles que possuem ainda resquícios morais se sentem desambientados e frequentemente se interrogam “se não teriam vindo muito tarde, a um mundo demasiado velho”...

O campo econômico é o sector por excelência destinado às manifestações das deficiências morais, pois nele está a satisfação imediata dos apetites materialistas. Nem é por menos que nele se fundamentam as teorias materialistas, considerando-o causa e finalidade das ações humanas.

A maléfica influência do nosso degradado nível moral na crise econômica que nos avassala é sobejamente patente para necessitar referência. Criamos até a mentalidade nova de “golpismo”, um estado latente de “safadeza”, na eterna

expectativa de oportunidade propícia de ação para o benefício individual, recalçando qualquer princípio moral, qualquer dignidade humana. Uma teoria golpista tão minuciosamente estudada, dessecada e executada que, no seu egoísmo, abrange o “favoritismo”, a formação de clãs, o auxílio recíproco dos ladravazes, para reversão multiplicada em favor próprio. Estão pululando por aí os escândalos financeiros, sob égide de cartéis monopolistas econômico-políticos, asfixiando os produtores independentes, subvertendo a economia nacional, levando mais miséria aos miseráveis para que os ricos sejam mais ricos e mais poderosos. Tão poderosos que tudo compram, até as consciências, tirando do poder pecuniário o próprio sustentáculo da imoralidade.

Não tenhamos ilusões: a imoralidade existiu e existirá sempre e em todos os

lugares da face da terra. Mas coexiste sempre a virtude que contra ela protesta eternamente. Em outros países também se rouba, mas, apanhados, os ladrões vão para a cadeia. Entre nós a virtude está muito fraquinha. Os ladrões respondem a inquéritos: mas, se poderosos, nada se “apura”. E continuam a roubar, cada vez mais poderosos, cada vez menos “apuráveis” ... Não sou pessimista : não creio na perversão da maioria do nosso povo, nem que seja esta a vida porque aspira. Creio apenas que a maioria tem fraco poder atuante e que muitos, ao o adquirirem, se corrompem, por um deficiente preparo moral, incapaz de resistir às injunções do meio ativo. Tenho fé em que o enrijecimento moral da mocidade conduzirá a melhores dias, outras épocas, outro sol. Nem tudo está perdido.

c) Organização social artificial

Fruto do conjunto de fatores influenciantes, ela mesma é um mal atuante. À luz da razão, não se pode justificar uma estruturação que só considera párias e poderosos. É um ranço medieval ou de países sub-desenvolvidos, onde uns tudo têm e outros nada possuem. Onde uns desfrutam de todas as oportunidades reais e outros de possibilidades teóricas. Sob o guante de falsas idéias socialistas, querendo passar por “bonzinhos”, os onipotentes concedem “graças” aos miseráveis espoliados e socializam a miséria. Puro engôdo que só serve para cada vez mais distanciar as duas classes extremas, com possibilidades fictícias, retirando os degraus intermediários que permitiriam o acesso. Os ricos são cada vez mais ricos e

os pobres cada vez mais pobres. Entre ambos, um abismo intransponível.

A ordem social *natural* é a continuidade, de alto a baixo, para que cada um dentro das possibilidades reais existentes - comumente fracas e gradativas - possa se alçar, paulatinamente, para o lugar a que fez jus, pelos seus esforços próprios ou pelos sacrifícios espontâneos e extremamente legítimos dos que o estimam. São as *classes médias* : única possibilidade efetiva de justo escalonamento e equilíbrio social, o fluído amortecedor capaz de absorver e diferenciar gradativamente os impulsos bruscos, unificando o conjunto.

No Brasil as classes médias estão sendo radicalmente suprimidas. Quem nelas se encontra ou pula para cima - coisa difícil dentro das normas morais ou afora acasos fortuitos - ou é inexoravelmente mergulhado para baixo,

nas ondas tumultuosas da maré agitada. Toda nossa legislação social-trabalhista, civada de demagogia e de doutrinas mal assimiladas, prima por ignorar as classes médias, por negar o individualismo e considerar apenas coletividades. Coletividades que supõe absolutamente incapazes de individualidade livre-arbitrante, negando até o direito pessoal de livremente contratar. Essa coletivização humana nada mais faz que matar o estímulo pessoal, a todos nivelando independentemente de méritos e esforços pessoais, criando a mentalidade viciosa de que os conjuntos heterogêneos só se podem movimentar englobadamente, estabelecendo a luta de classes, a improdutividade individual, a despersonalização moral. Todos sentem que se estão criando apenas dois compartimentos sociais quase estanques,

e que cada vez é mais difícil passar honestamente para o mais arejado.

Os efeitos econômicos nessa e dessa estrutura social artificial e deformada são o que se poderia esperar: choques, desarmonia, separação cada vez maior, unilateralidade cada vez mais acentuada. Não resolveremos problemas naturais com artificialismo ou convenções, com concessões coletivas espontâneas ou forçadas. Demos aos homens oportunidades reais para que se diferenciem pelos méritos pessoais, para que subam por esforço e não arrastados, para que constituam uma organização social natural, única capaz de abranger em todas as suas modalidades - e de harmonizar - a imensa heterogeneidade humana. O sentimento de solidariedade humana é manifestação individual, arraigado em cada homem bem formado e não fruto de coletividade. A

personalidade não mata, pois, o socialismo: pelo contrário, dá-lhe conteúdo sincero e bases reais. O homem é um animal sociável, já dizia Aristóteles.

Sòmente dentro dessa estruturação social completa de classes econômicas é que haverá lugar para se abordar convenientemente os problemas econômico-profissionais: problemas industriais, agrários, capitalistas, etc. Na organização ampla, todos os interesses se entrosam e podem ser harmonizados na gravidade transicional. Legislando para grupos estanques, o atrito é permanente : o que beneficia um, provàvelmente é mal recebido pelos outros, na incompreensão e no completo antagonismo dos interesses imediatos. Os extremos existirão sempre, mas não há motivo para que um grupo não possa insensivelmente emergir no outro, com afinidades dilatadas, tão certo os interesses sociais são inter-

relacionados. Nessas condições, não haverá classes prejudicadas: poderá haver apenas extremos insatisfeitos. Haverá mais compreensão mútua e mais equidade nas soluções.

d) Falta de objetividade nas soluções econômicas específicas

Ainda aqui, o fator não poderia ser equacionado divorciado do conjunto de influências. Nossos problemas econômicos específicos são comumente solucionados sob prismas unilaterais, aberrantes de todos comezinhos princípios de economia. Não que os problemas econômicos sejam “bichos de sete cabeças” e que requeiram profundas elucubrações mentais. Os princípios envolvidos são simples, muito simples até, condicionados apenas a um logismo rígido. Nossos iniciados na matéria

procuram, entretanto, mascará-los, fazendo crer que só êles, só a confraria dos super-homens é capaz de entendê-los e de prever as repercussões. Maneira muito simples de furtar às críticas as soluções absurdas, raramente ditadas por verdadeira ignorância mas quase sempre pela atenção de interêsses unilaterais econômicos de toda a nação, em proveito do pequeno grupo beneficiário.

Os exemplos são inúmeros e é quase fastidioso citá-los. Uma primeira técnica é a da “viseira”. Por isso ou por aquilo, resolve um grupo voltar as suas vistas para um sector económico isolado. Durante muito tempo não se fala noutra coisa e um dado tipo de empreendimento é considerado unilateralmente, inteiramente apartado do conjunto económico nacional, inculcado na maravilha de seus resultados como a panacéia salvadora da nossa economia.

Obtida a receptividade almejada, um grupo selecionado se beneficia com os financiamentos estatais, para-estatais ou particulares e, a trochemoche, executa o empreendimento. Obviamente, os resultados nunca são a maravilha preconizada, mas se ao fim ainda sobrar alguma cousa, na voraz rapacidade a que foi submetido, a parte de leão toca para o grupo organizador, “do mais alevantado espírito empreendedor e patriótico”. Se fracassar, o “abacaxi” estoura na mão do financiador – quase sempre o Banco do Brasil –, “por fatores supervinientes imprevisíveis”. É a feliz associação da técnica “arapuca” à técnica “viseira”. É claro que, nessas condições, o empreendimento em si nunca é profundamente analisado, à luz de dados econômicos exatos de mercados e de preços. Mesmo porque isto desserviria à finalidade precípua visada que reside na

simples *execução* do empreendimento, sem ter em conta a sua viabilidade ou não viabilidade econômica. Ao fim, se o desastre econômico não é esmagador, uma nova técnica pode ser tentada: a técnica “nacionalista”. Mendigar ou impor o protecionismo para um empreendimento de “alto interesse nacional” que não pode resistir ao pretense “dumping” dos imperialistas estrangeiros ... É uma tecla muito sensível e que quase sempre provoca os desejados efeitos - mormente quando apadrinhada por interesses diretos de políticos influentes. O protecionismo se manifesta em taxas alfadengárias absurdas, em favores tributários descomedidos e mesmo na completa eliminação dos concorrentes pela negativa de licenças prévias de importação “por haver similar no país, que deve ser comprado”. Nessas condições, não é de admirar que

sobrevivam empreendimentos parasitários, cuja inviabilidade econômica era patente ante os princípios elementares da economia. Apenas, essa indústria é absolutamente incapaz de exportar qualquer coisa, como incapaz será qualquer outra que se baseie na utilização do material por ela fornecido. Só um cego econômico não enxerga êsse artificialismo, a inanidade de sustentarmos empreendimentos que só vivem no parasitismo de outros, amenizando a economia nacional.

Essa mesma mentalidade se alastra até aos empreendimentos e economicamente viáveis. O govêrno intervém atrabiliàriamente em todos os sectores econômicos, impondo elevações inviáveis de salários, criando taxas, impostos e encargos absolutamente intoleráveis, atabalhoadamente, sem qualquer estudo econômico prévio.

Ninguém protesta, pois os preços serão também arbitrários. Daí essa avalanche de produtos “gravosos”, de preços artificiais, para uso interno, impossíveis de serem exportados. Não há estímulo de concorrência, de elevação de produtividade individual. Com salários ínfimos, nossa mão de obra é caríssima e não podemos sequer entrar nos mercados mundiais, a não ser com artificialismo de proteções cambiais com prejuízos diretos para minorar outros maiores, de imprevidência (verbi-gratia, o algodão vendido pelo Banco do Brasil).

Pois bem, uma nação que vive assim no caos de uma economia fictícia, super-mal dirigida, dá-se ao luxo de envenenar a opinião pública com idéias de auto-suficiência nacionalista. Criamos esta idéia ultra-contraditória e repelente de “nacionalismo econômico”, quando o que se deve admitir é “economia

nacionalista”. Economia é encarada em termos de negócio. Um negócio bom e *honesto* é benéfico à economia do país e, conseqüentemente, ao nacionalismo. Naturalmente ninguém vende um pedaço de sua Pátria ou a sua autonomia, pois não seria bom negócio, nem *honesto*. Mas ter medo de negociar com estrangeiros é apenas não confiar na sua própria honestidade. Isto não é *nacionalismo*. É apenas rematada tolice, prejudicial aos interesses nacionais. Já dizia Pires do Rio que, em negócios, o cosmopolitismo é uma elogiável forma de nacionalismo.

Nós estamos aí, com um pé na canoa furada da Petrobrás. Um país que não pode aproveitar as suas fontes de energia hidráulica – negócio com mercados certos e sem nenhuma aventura, se honestamente executado e com cômputo de preços reais, e não com fantasias enganadoras, como é de nosso hábito –,

porque não dispõe de capitais ou porque não os consegue levantar com a retribuição rigidamente fixada pelo Código de Águas, êsse país tem dinheiro bastante para jogar na loteria da pesquisa do petróleo ... E canta loas à abastança que o futuro nos reserva ...

Porque é preciso que se saiba que refinar petróleo é um negócio como outro qualquer. Bom negócio, posto que não a maravilha que se alardeia. Mas, *prospectar*, procurar petróleo é aventura. Aventura a que se podem dedicar os que possuem dinheiro para jogar, como quem compra um bilhete de loteria. Mas aventura desaconselhável para um pai de família que vive na miséria e tem filhos para alimentar. E, se o bilhete sair premiado? Bem, quanto a isso não há o que argumentar. Quem tiver êsse otimismo doentio ou êsse desespêro pessimista proceda assim. Mas a Petrobrás, se não

dormir na gaveta dos projetos irrealizáveis, elevará de 15% o custo da produção nacional e, se nada produzir, de tanto elevará o custo de vida.

Temos de pensar na economia nacional em bases sólidas. Fundamentá-la em realidades e não em possibilidades vagas. A termo nos aos princípios fundamentais e clássicos de ciência econômica, com espírito de crítica acurada, com frieza matemática. O patriotismo não entra nesses cálculos. Vem antes, para que os empreendamos. Vem depois, como consequência dos benefícios acarretados. O que é bom para a economia brasileira, será bom para o Brasil e será satisfatório para os nossos anseios patrióticos.

e) Incapacidade político-administrativa

Corroída por todos os vícios que nos assoberbam, a política administrativa do

país é inepta e maléfica. Reconhecemos honestamente as inúmeras dificuldades com que se defrontam os administradores ante o quadro aterrador da nacionalidade. Mas isso não justifica a persistência nos erros, a incidência em outros, a inércia pela regeneração, a demagogia e desonestidade de seus atos. Procura-se apenas cortejar a popularidade, o benefício dos grupos dominantes e não lutar simplesmente pelo bem. Não há coragem, não há fibra moral. Em verdade, não há sequer vontade de agir honestamente. A biruta voga ao sabor dos ventos reinantes e a política econômica se caracteriza pela versatibilidade e instabilidade. Não há nem pode haver qualquer planificação.

Na recente corrida para uma industrialização não planificada, incapaz de subsistir por falta de energia e de transportes baratos, cada grupo

procurando sobrepujar os demais na rapidez do golpismo, a tudo nossos administradores assistiram impassivelmente, como se nada tivessem a ver com isso ... A maioria de nossos administradores políticos não têm estôfo técnico para os cargos que ocupa. Nem moral. Mesmo porque, se tivesse, talvez não permanecesse lá ...

Isso só terá remédio quando o nosso povo, melhor educado, afastado do estado mental infantil em que é mantido e explorado, fôr capaz de repelir o cortejador vulgar e não mais perdoar o mal que se lhe faz, pelo bem que lhe sabe ...

* * *

B) POSIÇÃO DOS CENTROS CULTURAIS DA JUVENTUDE

Assim conceituada a crise econômica nacional, exaustivamente – posto que não completamente –, verificado ser ela fruto de uma série de fatores concomitantes e de circunstâncias correlacionadas, acredito poderem os centros culturais da juventude desempenhar importantíssima tarefa coadjuvante na solução da mesma, pelo decidido ataque às causas determinantes. Assim:

1) A simples sobrevivência e intensificação das atividades dos centros culturais da juventude é uma contribuição valiosa para debelar ou minorar a crise econômica brasileira, pois a sua função educadora inerente é fator essencial no combate aos males que a motivam.

2) Sobretudo o sector moral deve ser visado, na solução da crise. Restabelecer os conceitos de moralidade social –

pública e individual - é necessidade premente.

3) Por todos os meios educacionais ao seu alcance, diretos ou indiretos, devem os centros culturais da juventude batalhar pela elevação do nível de produtividade individual, seja por um melhor preparo do homem para tarefas definidas, seja pela melhor compreensão dos deveres individuais, para consigo mesmo, para com a família, para com a Pátria.

4) Todos os esforços devem ser envidados para divulgação e consecução de um estado social mais justo e mais digno, sem tão brusco desnível entre classes. Isso não se conseguirá comprimindo para baixo ou para cima, mas criando possibilidades efetivas para

um Escalonamento natural, condicionado aos esforços e méritos individuais.

5) A juventude deve ser esclarecida para a importância social das questões econômicas e treinada para a solução realista e objetiva dos problemas puramente econômicos, sem se deixar levar por soluções fantasistas ou artificiais, meramente dilatórias e maléficas. O sentido de pesquisa e de crítica deve ser desenvolvido ao mais elevado grau, porque seus excessos são mais facilmente corrigíveis que a apática tolerância predominante.

6) Os centros culturais da juventude devem ter atuação ativa, apoiando as soluções que se lhes afigurem boas, após devidamente estudadas e esclarecidas, e contrapondo-se às que lhes pareçam ruins, mesmo que disfarçadas com tiradas

demagógicas. Partam donde partirem, as soluções devem ser encaradas pelos seus efeitos reais e não por intenções, declaradas ou veladas.

7) É obrigação de todos os cidadãos mais cultos esclarecer os menos perspicazes, alertando-os para os malefícios que se encobrem sob a falsa aparência de medidas benfazejas.

8) A crise econômica brasileira não se resolverá com uma campanha ou com soluções miríficas isoladas. É uma questão de conjunto e que requererá ação continuada, persistência e inabalável fé nos desígnios finais. Os frutos não se manifestarão de imediato, mas nenhum esforço será perdido, porque qualquer ação construtiva estará contribuindo para uma Pátria melhor, para mais justiça e mais dignidade na vida de seus filhos.

DISCURSO PRONUNCIADO PELO ORADOR OFICIAL DA TURMA DOS ENGENHEIROS⁹

Salathiel Torres

Exmos. Srs. Representantes das altas auctoridades civis e militares. Exmo. Sr. director da Escola de Minas. Exmo. Sr. paranympho dr. Lúcio dos Santos. Exmas. Senhoras e senhorinhas. Meus senhores.

Ao attingirmos este marco, plantado entre a nossa vida academica e a vida profissional cujos horizontes se

⁹ Discurso publicado na revista "Nossa Revista: Mensário academico de Ouro Preto". Scientifico e Social. Números 4, 5 e 6, de Maio, Junho e Julho de 1929.

desdobram nebulosos em nossa frente; ao pisarmos este atrio luminoso do edificio extraordinario em que se tem constituído a engenharia moderna, em seus diversos ramos; este acto em que temos e nos despedir dos guias cuidadosos dos nossos primeiros passos, dos veteranos que nos ensinaram a terçar as armas para uma cruzada santa pela patria e pela sciencia – os meus collegas e eu tínhamos que dizer aos nossos guias que os seus ensinamentos são e os seus exemplos bemfazejos encontraram em nós a vontade sincera de medital-os para seguil-os ; queriamos entoar daqui, á patria, um hymno de amor que lhe dissesse da nossa estranhada crença no seu futuro grandioso e era ainda mister, neste momento, consignarmos á sociedade distincta desta cidade, á gente acolhedora desta patria gloriosa da liberdade, onde

vivemos o melhor da nossa juventude, a expressão do nosso reconhecimento.

Mas, para isto, neste templo glorioso que encerra as aras em que se dedica á sciencia o culto mais sublime, onde os ouvidos se habituaram ás vozes eloqüentes de doutrinadores inexcediveis, força foi haver-se de presenciar ao contraste da voz insegura de um dos noviços, o de menos aptidão certamente, para se arrojar ao intento de tão alta realização. E, aos que o quizeram assim, aos meus collegas, eu quizera que não pezasse demasiado neste momento esta sua culpa pequenina.

Um dia, senhores, terminado o nosso curso propedeutico, com que nos habituáramos a uma certa liberdade de orientação, em virtude das leis que então o regiam, e durante o qual, além disto, o espirito naturalmente alegre do estudante não se turba pela consideração das

responsabilidades da vida pratica, ainda não delineadas, transpozemos pela primeira vez os humbraes severos desta casa. E, ao attendermos, então, para as normas rigidas que a dirigem, ao vermos com este passo esboçar-se mais nitidamente a finalidade dos nossos esforços, representando pra nós uima somma de responsabilidade para o futuro, ao consideramos o encargo que nos propúnhamos iniciando um curso que antevíamos difficil e trabalhoso, era razoavel que receassemos pela insuficiencia das nossas energias, pela inanidade dos nossos esforços, pelo fracasso da nossa vontade.

Mas, desde os primeiros instantes das nossas lides escolares, desde as primeiras lições que ouvimos nesta casa, dissiparam-se em nossos corações as brumas que empanavam o espirito expansivo, desabrochando novamente em

nós a confiança no êxito de nosso empreendimento, porque em cada um dos nossos mestres, encontramos um amigo dedicado que procurava com a sua experiência, aplainar o nosso caminho áspero, guiando-nos sempre com a satisfação estampada no semblante, sempre com o entusiasmo comunicativo dos convictos, através dos meandros caminhos intrincados ou através da complexidade dos fenômenos da natureza, que procura fazer-nos conhecer em todas as modalidades das suas manifestações, para que aprendêssemos a domá-los, para que surgisse naturalmente em nosso espírito o modo de orientá-los para a satisfação das necessidades humanas – para dar-nos a intuição da sua utilização prática.

E, muita vez, as mãos do mestre amigo, tornando as do discípulo inexperiente que se iniciava nas

differentes technicas, faziam-no effectuar as operações precisas, levavam no pacientemente até a perfeição no manejo dos mais complicados apparelhos, ou na execução dos methodos mais trabalhosos. E, não julgando bastantes as licções e praticas que se podiam effectuar nos gabinetes e nos laboratorios da Escola, não se inham ante os sacrificios das suas conveniencias pessoaes e das suas commodidades e levavam-nos em excursões de estudos, a visitar os trabalhos de engenharia que mais nos podiam aproveitar, sempre sollicitos nas suas explicações claras e precisas, sempre contentes entre os seus alumnos, aos quaes animavam durante os longos trajectos, com suas palestras amistosas e mesmo com um bom humor franco que dissipava desde logo todo constrangimento, tornando agradavel pela jovialidade que nellas reinava e que

constituíam o seu encanto, estas excursões de estudos, de que sempre teremos lembrança saudosa.

E assim, reunindo o riso ao trabalho, descobrindo em tudo um pouco de graça e um motivo de alegria, sem que nunca perdessemos de vista os principios austeros desta casa, chegamos quasi que sem dar por isto ao fim da nossa jornada – vencemos a primeira phase da nossa lucta, phase em que se temperam as armas para o embate mais duro, para o encontro mais decisivo. Eis-nos emfim, agora, providos das armas que viemos buscar a esta officina gloriosa que tem fundido tantas columnas inflexiveis para a sciencia, que tem dado á patria tantos escudos invenciveis.

E, neste instante, senhores, abrem-se se de par em par deante de nós as portas de uma arena em que os valores intellectuaes, a energia de acção, a

tempera dos caracteres - estes elementos decisivos de todas as competições, com os quaes é sempre gloriosa a victoria e sempre nobre a derrota - hão de ser postos á prova numa lucta que tem de ser, ás vezes, pelejada sobre o campo sedição de restrictos interesses individuaes e que para ser elevada, para ser dignificante, deve ter por objectivo primordial o bem da collectividade.

Nesta lucta, através do meio seculo da sua existência proveitosa, tem-se coberto de gloria o nome desta casa, pelos valores reaes que a orientam, pelo heroismo de seus filhos, pelas victorias numerosas e brilhantes que elles têm conquistado para a patria e para a sciencia.

Por isto, ao partirmos para nos enfileirar ao lado dos que se batem para a conquista de melhores dias para esta patria estremecida, basta-nos, para vencermos,

seguir a trilha dos que nos antecederam aqui, porque, na sua maioria, o nome de cada um delles é o nome de um devotado e esclarecido servidor da patria. São nomes como o de Costa Sena, que não será nunca pronunciado por um brasileiro, sem que lhe transborde a alma de gratidão pelo muito que lhe deve a patria, que soube elevar bem alto aos olhos de todo o mundo scientifico, nas repetidas vezes que foi o nosso representante em congressos e certamens internacionaes. Nome de igual brilho na cathedra ou na curul, no laboratório ou na braveza dos nossos sertões, na admiração dos grandes e na veneração dos pequenos. Na sua abnegação pela sciencia, nem a grave enfermidade que lhe solapava a existencia poude afastal-o do seu laboratorio, senão quase no mesmo momento em que havia de leval-o,

envolto em um nimbo de gloria aos paramos da saudade.

Nome como o de Antonio Olintho, cujo fulgor se projectou muito além dos limites, aliás dilatados, da profissão que abraçou, nome que não se fez grande só no magisterio e no exercício da profissão, mas que constitui um ornamento no scenario político do paiz, já nos momentos mais melindrosos do actual regimen, já em outras quadras de mais calma, de progresso, em que a sua honradez e a sua competencia o elevaram ás mais altas esferas da nossa administração.

E tantos outros operários illustres da edificação da grandeza patria, tantos outros nomes eminentes de que se honra a nossa Escola e que constituem outras tantas gemmas de peregrina belleza no seu escrínio de glorias ; tantos soldados da sciencia que militaram nesta casa e fora

della, cujos vultos tentariamos em vão esboçar aqui na sua soberba grandeza.

E não são só os que passaram, os companheiros e os discípulos destes primeiros filhos desta casa, estão ahi; são os nossos mestres, para não fallar de quasi todos os nomes da engenharia brasileira: são os nossos mestres através de quem chegam até nós, que mais recentemente passamos por aqui as irradiações destes phanaes de gloria. São estes herdeiros de um patrimonio grandioso que, para ser mantido, requer valores não menores que os daquelles pioneiros do progresso que o erigiram. Não ha obstaculos insuperaveis, não ha difficuldades invenciveis, ante a inexcedivel competencia, ante o zelo inegualavel, ante a segurança dos princípios que orientam os continuadores desta grande obra que é a Escola de Minas, filha do patriotismo accendrado e largo discortinio do nosso segundo

imperador e do amor que votava á sciencia o grande amigo do Brasil que foi o sabio Gorceix. São os nossos estimados mestres que, a par das luzes do seu saber invejavel, nos deram ainda o exemplo das suas attitudes sensatas, das suas conductas intangiveis, e esta mesma conducta elevada, esta mesma rigidez de principios, esta mesma grandeza moral que os fundadores da nossa Escola lhe imprimiram e que os seus sucessores têm sabido conservar e dilatar, é que constituem o baluarte invencível que tem protegido o seu nome glorioso, que ha de sempre protegel-o, contra os acommetimentos dos seus inimigos gratuitos, contra os golpes violentos do odio e do despeito que contra elle se chocam furiosos na sua improficuidade.

Ao partirmos, agora, serve-nos de pharol para aclarar-nos os caminhos da nossa vida profissional, para expandir as

nevoas que ora empanam para nós os seus horizontes, as luzes da experiencia e do talento dos nossos mestres, o exemplo das suas vontades inflexiveis.

Por isto, havemos de lutar com fé e com ardor, por isto, levamos em nosso peito a mais robusta esperanza na victoria. E, attentos ao progresso da nossa patria, e anciando por vel-a cada vez mais engrandecida, no concerto das nações, temos mais um motivo de jubilo neste momento e é que na engenharia de minas se fundam as maiores esperanças da independencia econômica da nossa patria. A ella se vincula a mais vital das nossas questões econômicas que é a industria siderúrgica - a industria que, como dizia Costa Sena "é a garantia dos povos livres, porque não é livre um povo que não pode fabricar em suas officinas, com suas matérias primas, instrumentos para lavar

a terra e armas para defender seus direitos”.

E além das armas e dos instrumentos da lavoura, é preciso considerar o trilho, que ha de um dia, constituir uma cerrada rêde de aço, envolvendo em suas malhas estreitas o dorso todo deste gigante que dorme despreocupado á beira do Atlantico, o trilho que ha de um dia levar a civilização e o progresso aos recantos mais longínquos da nossa terra, que ha de despertar do seu silencio milenar as fragas mais remotas dos nossos sertões, com os silvos agudos da locomotiva, que as atravessará garbosamente, ao rythmo soberbo do resfolegar dos seus pulmões de ferro.

E o problema siderúrgico, após tantas tentativas infructíferas, tende felizmente para sua solução satisfactoria entre nós. E estamos certos de que será convenientemente orientado no sentido

dos legítimos interesses nacionaes, pelo patriotismo e clarividencia dos nossos estadistas.

É esta a solução, ao menos provisoriamente acceitavel.

Para os que acompanham, porém, com interesse patriótico, as phases do evoluir desta questão magna para nós, há de ser grata a perspectiva da hora actual - hora em que surgem novas e bem fundadas esperanças de solução completa do nosso problema siderurgico, com o aperfeiçoamento prometido do velho methodo de redução a baixa temperatura - a redução pelos gazes, sem fusão no forno Smith.

Tal esperança, si se realizar, valerá pela inversão completa das nossas condições econômicas, collocando-nos, como diz o dr. Pandiá Calogeras, entre os paizes maiores productores de ferro do mundo.

E é na consideração deste e de todos os demais recursos naturaes do nosso paiz que se funda a crenca que depositamos no seu engrandecimento rapido e seguro, a esperança que acalentamos de vel o entre as nações de vanguarda do progresso de todo o mundo.

E no estudo do aproveitamento de todos os recursos do paiz para o seu engrandecimento, tem sempre cabido aos nossos mestres papeis de relevo com que elles têm sabido sempre grangear o respeito, a admiracao, a gratidão mesmo dos seus compatriotas.

Por isso, nós nos orgulhamos desta Escola, cujo nome será a nossa melhor apresentação para a vida profissional.

Escolhendo vosso nome para nosso paranympo, os meus colegas e eu tivemos em vista dar uma prova do reconhecimento que nos ficou no coração pela maneira captivante com que sempre

tratastes os vossos alumnos, pela dedicação com que nos transmittistes as vossas licções proveitosas, pelo espírito de justiça inflexível que sempre demonstrastes.

Ao talentoso publicista e orador, ao administrador clarividente que vos revelastes na Directoria da Instrucção do Estado de Minas, desejavamos prestar a nossa homenagem, testemunhar a nossa admiração.

E, ao nos desperdirmos desta casa, de de que nos lembraremos sempre com saudade, porque aqui transcorreu a phase mais feliz da nossa vida, nos queríamos partir levando ainda no espirito a impressão de mais uma licção sabia e tecida de prudencia que nos guiasse desde este instante pelos caminhos indecisos do futuro.

E, ao terminar, exmo. sr. dr. director, é com o propósito de sempre honrar o

nome desta casa, é com a intenção de sempre elevar mais alto este patrimônio que tanto presamos, que eu me dirijo a v. exc., em nome dos meus collegas e no meu proprio, para lhe pedir que nos confira o grau de engenheiros de minas e civis.

**DISCURSO DA
REINAUGURAÇÃO DA
SEDE DO CENTRO
ACADÊMICO DE OURO
PRETO, 15 DE ABRIL DE
1933¹⁰**

Joaquim Maia

Minhas senhoras e meus senhores. É este o discurso oficial de inauguração da nova sede do Centro Academico de Ouro Preto.

(...)

O Centro é de acadêmicos. E nessa epocha da vida, a gente tem um horror a tudo que é rotineiro e prefere sair por aí a fora, tropeçando aqui, caindo acolá, nessa

¹⁰ Reproduzido dos arquivos da Escola de Minas de Ouro Preto.

“cavalheiresca jornada” do entusiasmo moço

(...)

Mas, há tanta coisa interessante na historia do Centro.... Tudo que caracteriza essa vida agitada do estudante. As mesmas luctas. Os mesmos imprevistos. E é natural. As comunidades hão de forçosamente refletir os movimentos generalizados. Uma sociedade de estudantes há de ser mais ou menos irrequieta como um estudante. O todo, o conjunto, é uma sommasão das parcellas.

(...)

E nós viemos vindo assim pelo tempo. Ora bem, ora mal, sempre entusiastas. Porque o estudante é moço e moço é idealista. Acredita nesta balela gostosa de optimismo...

(...)

E viemos lutando, pelejando pelos ideaes da classe. Manejando neste terreno

safaro e hostil que o meio nacional oferece á ideologia estudantina. Onde quasi tudo está por fazer e as conquistas da classe não passam de meras concessões provisórias de moralidade mais ou menos duvidosa.

(...)

Onde se tenta crear um espirito universitaria sob a egide de instituições utopistas. Eu fui um dos que acreditaram que com a criação do Directorio Acadêmico, órgão official de representação de alumnos, o Centro ficaria com suas finalidades um tanto aliviada. Ou passaria a ser mais uma sociedade recreativa. Muitos ainda pensam assim. É um engano. Não resta duvida que a criação do Directorio foi um grande passo. Mas, na presidencia deste, taes têm sido os (obices) e entraves encontrados, que, mais que nunca me certifiquei da necessidade das associações

livres de Estudantes, capazes de para si viverem e se bastarem. Dellas ainda há muito a esperar. De estudantes, para os estudantes, pelos estudantes. O terreno é agreste as instituições oficializadas pouco mais são que um sonho bonito...

(...)

Aqui está o Centro que podemos offerecer á sociedade ouropretana. Que ella se acostume considera-lo um pouco seu, já que tanto nos auxiliou. E que o queria bem sempre, como até aqui o tem querido.

OS ESTUDANTES DE OURO PRETO¹¹

A.M.A.C.

Os estudantes de Ouro Preto são admiráveis! Eles são o orgulho da classe estudantina do Brasil. São o conforto! O seu valor! A nobreza de attitudes daquelles moços é o contrapezo satisfactorio á preguiça mental, ao descaso, á ignorancia e á falta de compostura e responsabilidade, que se notam em geral nos estudantes brasileiros. Hoje não se estuda. Poucos são os alumnos de valor que saem das

¹¹ O título do jornal é “A Imprensa”, cuja menção ou vinculação é: “Semanário da Parochia de Barbacena”, seguido em sua coluna superior de um “com aprovação ecclesiastica”. O artigo intitulado “Os estudantes de Ouro Preto”, foi assinado apenas por A.M.A.C.

Academias. Livros fechados o anno inteiro. Salas de aulas vacias. Exames comprados ou alumnos recomendados. (...) Mas lá vem o grito forte, juvenil, brioso, cantante, bonito como um toque de clarim, dos estudantes de Ouro Preto! Não querem as médias! Querem os exames. Querem estudar. Querem saber. Querem o esforço. Querem viver. Porque sabem que a vida verdadeira é aquella que o homem gasta no esforço para o seu aperfeiçoamento moral e intellectual. Porque têm consciencia do seu valor individual. Porque sabem que o estudo é a base da sua vida pratica. Porque sabem que é preciso educar o pensamento. Fazei-o trabalhar. Fazei-o raciocinar. Violentai-o á disciplina. Impedir o estacionamento, que é o mal maior dos nossos estudantes... Em Ouro Preto não se dá o estacionamento. Tanto na Escola de Pharmacia como na grande Escola de

Engenharia, reina, o anno inteiro, a disposição, a harmonia, a persistencia, a actividade laboriosa e empreendedora de uma colmeia. Ouro Preto é uma colméia, a esplendida colméia intellectual e juvenil do nosso paiz. Já não é a primeira vez que aquelles moços dão exemplo de trabalho e de brio aos governantes de nossa terra! Já no anno passado, creio, ouviu-se o grito de alarme dos estudantes da Escola de Minas contra a invasão de professores sem concurso, ocupando as cadeiras da Escola. Depois o protesto vehemente contra a despresivel promoção por “decreto”. E foi sempre assim, sempre que o commodismo utilitarismo e a cegueira dos que “mandam”, pretendem aviltar a e desmoralizar a classe estudantina, lá vem o protesto vehemente, conformante daquelle pugillo de moços, conscientes e briosos do que fazem. Os estudantes de Ouro Preto... Só elles fazem a gente sorrir

de orgulho e vibrar de entusiasmo ante o naufragio das energias e de nobreza nos nossos moços cinematigraphicos....

REPÚBLICAS EM OURO PRETO E O GOLPE DE 1964¹²

**Nelson Maculan Filho - Ex-Aluno da
República Pureza**

Meu nome completo é Nelson Maculan Filho. Nasci em 19 de marco de 1943, em Londrina-PR. Meu pai foi homem que trabalhou na área da madeira e do café; foi vereador, senador, deputado federal. Candidatou-se a governador no Estado do Paraná; perdeu as eleições para Ney Braga. Minha mãe nos criou. Terminou seus estudos primários, mas não completou o ginásio. Meu pai, já com mais de sessenta anos, formou-se em

¹² Texto editado a partir do depoimento ao autor a Otávio Luiz Machado.

Direito. Enquanto estudante fui representante de turma no segundo e terceiro anos; mais tarde, exerci os cargos de Vice-Presidente do Centro Acadêmico da Escola de Minas e de Primeiro-Secretário do Diretório Acadêmico da Escola de Minas de Ouro Preto (DAEM), na gestão de Rômulo Freire Pessoa. Cheguei entre janeiro e fevereiro de 1961 para prestar vestibular ao Curso de Engenharias de Minas, Metalúrgica e Civil, com duração de seis anos e conhecido, então, como “Curso Geral”.

Aprovado, comecei a estudar em março. Formei-me, no quinto ano, em Engenharia de Minas e Metalurgia. Não completei o curso de Engenharia Civil, como a maioria de meus colegas. Havia uma prevenção com a Escola de Farmácia. Dávamos pouco valor ao ensino daquela instituição. Pensávamos que só a Escola de Minas possuía cursos de bom nível.

Quanto às “repúblicas” de estudantes, estas eram habitadas, ou só por estudantes da Escola de Farmácia, ou só por estudantes da Escola de Minas. Mais tarde, vim a conhecer excelentes profissionais oriundos da Escola de Farmácia.

Faltou, a nós, da Escola de Minas, grandeza; não conseguíamos ver o quão importante é a farmacologia, bem como não enxergávamos a estatura e qualidade da Escola de Farmácia. O pessoal da Farmácia não tinha o espaço que merecia e nem a capacidade de mobilização que tínhamos nós, da Engenharia. Não tivemos a grandeza de chamar os colegas da Farmácia para conosco atuar. Havia a visão arrogante de que a Escola (de Minas) era "a melhor do mundo" e, assim, não podia se misturar com ninguém mais.

A falta de corporativismo enfraqueceu a todos. Mas a vida em uma

“república de estudantes”, para um jovem recém saído da adolescência, foi um inestimável aprendizado de vida. Deixando para traz a proteção, o carinho e o conforto da casa paterna, o estudante passa a viver em comunidade nas “repúblicas” dividindo com seus colegas a missão de manter o seu novo lar. Dividir recursos, tarefas e responsabilidades, de maneira democrática, passa a ser um aprendizado diário. O respeito mútuo, entre os “republicanos”, reconhecendo os limites de seus direitos, deveres e responsabilidades é presença forte no dia a dia destas comunidades estudantis. Aprende-se a ter disciplina. O cultivo da solidariedade e da amizade é presença forte na vida diária dos moradores da “república”. Muitos são os laços fraternos que se criam, nesta época de suas vidas, e que se perenizam. Interessante é falar do papel do “presidente da república”. Cada

um dos moradores, durante um determinado período, em sistema de rodízio, assume este papel: gerenciando os recursos (advindo das contribuições mensais dos moradores), o presidente cuida das compras de mantimentos, da manutenção do imóvel, dos pagamentos diversos, etc. É um belo exercício de aprendizagem de administração, organização e responsabilidade.

Na minha visão, o que ocorreu, nesse período, foi uma crescente politização dos nossos colegas de “república”, com um claro viés de tendência esquerdista. Os colegas mais antigos, apolíticos ou com tendência mais conservadora, foram se formando e deixando a “república”, dando lugar a novos estudantes, mais voltados à discussão política e mais dispostos à análise crítica da situação do país de então. Isto não quer dizer que não havia colegas com visão política mais à

direita. Não me lembro, no entanto, de termos tido que conviver com radicalismos ou extremismos. Era uma convivência inteligente e aberta.

Outra questão era o nosso contato com as pessoas da cidade. Era, de maneira geral, fria e distante. Sentia-se uma certa animosidade no ar. Penso que esta situação já vinha de tempos bem anteriores. Sempre houve muitas brincadeiras e molecagens, por parte dos estudantes. Enquanto restritas aos ambientes próprios aos estudantes (repúblicas, Centro Acadêmico, etc.) nada havia que se condenar. Infelizmente, não era o que acontecia. Frequentemente, brincadeiras de mau gosto, por parte dos estudantes, criavam atritos e mal estar junto à população.

Lembro-me bem quando veio o golpe de 1964 e fui preso. Era um domingo de abril. Uma camioneta parou

na porta da “república” e dela desceram policiais do antigo DOPS. Havia também policiais militares. Alguns colegas, com os quais mantínhamos convivência diária, “reforçava” tal aparato militar, que ali se encontrava para prender “perigosos estudantes subversivos”.

Foi marcante ver colegas nossos, com os quais mantínhamos um convívio diário na escola e nas “repúblicas”, participarem desses atos de insana violência, de maneira tão direta e explícita, foi-me chocante e muito doloroso. Hoje, dentro da perspectiva que só o tempo decorrido desde estes tristes episódios nos proporciona, sou sinceramente tomado pela certeza de que estes nossos colegas, civis e conhecidos como “voluntários da revolução”, eram sinceros em sua crença de que estavam fazendo o bem e, que nós, “comunistas”, éramos realmente perigosos para o país. Não tiveram a

necessária capacidade avaliativa para enxergarem que estavam sendo simplesmente utilizados como instrumentos de manobra, na mão dos verdadeiros golpistas.

Obviamente que a repercussão da nossa prisão foi muito forte. Instalaram-se, entre os estudantes, a revolta, o medo da delação e a desconfiança. No meio de todo este clima, de reunião ocorrida no Diretório Acadêmico da Escola de Minas saiu a deliberação de que aqueles estudantes que participaram das ações para prisão de estudantes não mais seriam chamados de colegas. Esta posição foi assumida, inclusive, por colegas que tinham posição política de direita mas que, de forma pública e clara, repudiavam aquele tipo de atitude. Os “voluntários” passaram a ser ostensivamente repudiados e isolados pela imensa maioria dos colegas. O ambiente de

convivência alegre e harmônica nunca mais voltou a ser o mesmo.

Fiquei preso em torno de duas semanas. É uma experiência dolorosa: você perde sua liberdade de ação, o que significa uma forte agressão ao ser humano. Nenhum de nós, meus colegas ou eu, foi torturado; no entanto, vimos integrantes das ligas camponesas serem agredidos fisicamente.

O MOVIMENTO PELA CONQUISTA DE REPÚBLICAS NOS ANOS 1960¹³

Serafim Carvalho Melo (Ex-Aluno da República Adegá)

Meu nome é Serafim Carvalho Melo. Sou engenheiro geólogo formado em 1.970. Minha colação de grau ocorreu em 6 de março de 1.971.

Fui Vice-Presidente, Secretário e Presidente do Diretório Acadêmico da Escola de Minas (DAEM), no período de 1968 a 1969. Como Presidente do DAEM, representei o corpo discente na Assembléia Universitária, na Congregação da Escola, na Comissão de Legislação e Ensino encarregada de

¹³ Texto editado a partir do depoimento concedido a Otávio Luiz Machado.

elaborar o horário escolar e na Comissão de Patrimônio da Escola que se encarregou - além de outras coisas - de adquirir casas para instalação de Repúblicas de estudantes da Escola de Minas. Depois que saí do Diretório, em agosto de 1.969, trabalhei no Departamento de Geologia, para organizar o acervo de obras doadas ao mesmo pela viúva do renomado geólogo Luciano Jacques de Moraes. Antes de integrar a Diretoria do D.A. (Diretório acadêmico), respondi pela publicação do Jornal do DAEM, "O Martelo". Participei também de comissões da SICEG (Sociedade de Intercâmbio e de Estudos Geológicos).

Sou Professor-Adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), desde março de 1980, no Curso de Geologia, lecionando as seguintes disciplinas: "Recursos Energéticos" e

“Noções de Legislação e Economia Mineral”. Nos últimos anos participei ou ainda participo de diversos trabalhos, como no Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Planejamento Energético (NIEPE), Sindicato das Indústrias de Extração de Calcário de Mato Grosso (SINECAL), na Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso (FIEMT), no SEBRAE-MT, no Instituto de Defesa Animal de Mato Grosso (INDEA), no Conselho Estadual de Meio Ambiente (CONSEMA), no Conselho Estadual de Ciência e Tecnologia e no Conselho Diretor da Universidade Federal de Mato Grosso.

Estudei em Jataí até o Ginásio, em 1.959. O 1º ano científico, em 1.960, fiz na Associação de Ensino em Ribeirão Preto-SP. Em 1.961, fui para Ouro Preto, e estudei o 2º e 3º científico no Colégio Alfredo Baeta. Em fevereiro de 1.963, fiz

uma única prova no vestibular da EMOP (Escola de Minas de Ouro Preto). Depois fiz o cursinho preparatório da EMOP, até setembro, quando fui desclassificado, e não consegui voltar nos meses seguintes. Em fevereiro de 1964, voltei a fazer uma única prova no vestibular, e não consegui aprovação. Eu não fazia o segundo vestibular, porque não sentia segurança para passar. No resto do ano fiz de novo o cursinho, e em fevereiro de 1965, depois do xeque-mate de minha família, resolvi fazer vestibular em Ouro Preto e em Belo Horizonte. Passei nos dois, e optei pela EMOP. Eu não fazia outros vestibulares também porque não tinha grana para viajar, e porque também tinha a perspectiva de ganhar bolsa de estudo da CAGE (Campanha para Aperfeiçoamento de Geólogos) para o curso de geologia, que era uma campanha para formação de Geólogo. No ano que entrei encerram-se

as bolsas, e felizmente a Escola não tinha mensalidade. A bolsa cobria as despesas de alimentação e moradia em Ouro Preto. Meu primeiro ano de universitário, em 1.965, foi perdido já no primeiro semestre, devido às extensas comemorações, como os trotes. Enfim, a falta de orientação do sistema de avaliação da Universidade. Acho que o calouro se mantém numa vibração muito intensa ele se esquece destas questões.

A Escola inteira tinha cerca de 220 alunos no curso de Engenharia Geral, que era de seis anos e estava em extinção, e também, nos cursos novos de cinco anos: Engenharia Geológica, Engenharia de Minas, Engenharia Metalúrgica e Engenharia Civil. Era muito forte a tradição e muito respeitado o nome Escola de Minas de Ouro Preto no cenário Nacional e internacional, principalmente na Europa. E particularmente na França,

devido a sua origem. A Escola de Minas tinha autonomia, mas não tinha arrojo. As soluções eram caseiras e tímidas, e sempre procurando os ex-alunos. Por isto mesmo havia muita discriminação no meio discente seja dos filhos de professores, seja dos filhos de ex-aluno. Se não fosse um destes era discriminado. Esta situação a meu ver era um ponto fraco. Lembrome, como Presidente do D.A., que fizemos um levantamento da situação da Escola e levamos para o Ministro da Educação, Jarbas Passarinho. Em rápida folheada do relatório, a sua análise foi a de que se podia classificar a Escola de Minas como uma "Sociedade entre Amigos". Por isto que trabalhamos muito no D.A. para criação da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto), através de diversas audiências com os Ministros de Educação da época, tanto em Brasília, como no Rio

de Janeiro. Queríamos abrir mais vagas e mais cursos para os estudantes brasileiros.

A Universidade era a alternativa. Entretanto, tínhamos contrários na própria Escola, que achava que a UFOP viria descaracterizar as tradições da EMOP. Realmente isto poderia ocorrer e acho que ocorreu. Mas e daí? Seria válido mantermos um "clã" cheio de privilégios em detrimento de uma maioria sedenta de educação superior de qualidade? E em nome de uma tradição? Outro ponto fraco é que alguns professores, que moravam em Belo Horizonte, faziam da EMOP um bico. Não sou contra o profissional Professor. Acho que ele traz muita experiência para a escola que o Professor profissional não traz, porque nunca trabalhou fora da sala de aula. Entretanto, colocavam para a escola a condição: "eu quero minha aula segunda feira às 16 horas e terça-feira às 7,30 horas". E depois

sumia de Ouro Preto, comparecendo só na semana seguinte. Um ponto forte da Escola era a condição de vida de seus alunos. E as oportunidades de relacionamento com trabalhadores de Saramenha, com mineradores, etc. Os engenheiros de Ouro Preto têm muito mais sensibilidade para as relações humanas na empresa que qualquer outro. Ter no meio da atuação e dos estudos cachaça em botequim é uma escola natural na vida de qualquer um. Claro com responsabilidade e sem vício.

Quando entrei para o D.A., em março de 1967, achava que era totalmente cru em tudo. Não sei porque me convidaram para substituir o Mário Rosa, que era Vice-Presidente, e que passou a ser auxiliar de professor, cujo nome correto do cargo não me recordo. Admirava meus colegas antecessores pelo nível de politização como o (José) Pauly

Rezende, o Jacques Hersovic, o Nuri (Andrauss), Mário Rosa, Fernando Azambuja e outros que não me lembro agora. Discutiam muita política partidária, mas não eram de PSD (Partido Social Democrata) ou UDN (União Democrática Nacional), os partidos da época. Falavam do PC do B (Partido Comunista do Brasil), que era chinês ou do PC (Partido Comunista) que era da Rússia, algo assim que eu não tinha base e nem para falar nada. Ouvia muito e me colocava como um inocente útil confiante em meus amigos. Fazia panfletagem de madrugada e participava de reuniões reservadas nas repúblicas, enfim, acompanhava meus colegas da Diretoria do D.A. como um aprendiz obediente e disciplinado. Talvez estivesse aí o motivo de terem me convidado para o D.A. Em agosto de 1967, assim eu tomava posse no D.A. como 1º Secretário, com Lincoln

Ramos Viana na Presidência, Athaulpa Valença Padilha como Vice-Presidente, Benedito França Barreto como 2o Secretário, Douglas Senju Morishita como 3o Secretário, e César Eptácio Maia (atual Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro) como Tesoureiro.

Ganhamos esta eleição do Diretório Acadêmico por sete ou oito votos de diferença. Recordo-me que, nas primeiras reuniões da Diretoria, eu disse que teríamos de fazer um trabalho voltado para as questões internas e de interesse dos estudantes, sob pena de perdermos a próxima eleição. Uma das estratégias foi me colocar Presidente da Comissão de Trote de 1968, pois as eleições seriam em agosto. Outra foi o acampamento dos estudantes na Praça Tiradentes, solicitando moradia da Escola, também liderado pelo D.A. Em 1968, assim ganhamos novamente a eleição. Eu fui

candidato único a Presidente, tendo Fidêncio Maciel de Freitas como Vice-Presidente, Reginaldo Pires Rodrigues como 1o Secretário, Pedro Maciel Tavares como 2o o Secretário e Maurício José Danese como Tesoureiro. Lembro-me muito do Pedro Mola (Pedro Carlos Garcia Costa), do Cansado (José Luiz Carvalho Coelho), do Sansão (Armando Cordeiro), que eram de uma República muito atuante politicamente, a Castelo dos Nobres. O Pauly, a quem me referi era desta república. Conhecia quase todos os alunos da Escola devido o estreito relacionamento que mantinha com todos, independentemente de política. Acho que política partidária só se deve fazer dentro dos partidos.

Como Presidente do D.A. procurei dar continuidade ao trabalho voltado para as questões internas da Escola sem uma conotação partidária. Até hoje nunca

assumi nenhum partido político. Lógico que não sou contra quem os assume. Só acho que os políticos colocam muito, ou melhor, colocam primeiro o interesse pessoal depois os dos correligionários e depois os do Estado ou da sociedade. Por isto mesmo, em detrimento da qualidade, da economia de algo, seja material ou de tempo, trocam tudo de tempos em tempos, em nome da renovação etc. Por quê? Por que não tinha uma Lei como a da Responsabilidade Fiscal. Esta vai provocar muitas mudanças nesta maneira de governar. Em virtude das leis vigentes na época e do desmantelamento das entidades estudantis como a UNE (União Nacional dos Estudantes), que passou a atuar na clandestinidade, os DCEs e os próprios DAs a alternativa era atuar nas questões internas mesmo. Eu fui detido três vezes, embora não tenha tido uma

atuação forte como adversário do Golpe de 31 de março de 1964.

Embora Presidente do D.A. eu não participava de movimentos de “subversão da ordem” como outros estudantes, alguns de Ouro Preto, que participavam de assaltos à bancos, passeatas onde quer que ocorressem. Acho que o golpe castrou uma geração de estudantes que poderiam ser os renovadores da política brasileira. Por isto que depois de trinta anos ainda deve falar para votar em (Leonel) Brizola, Antônio Carlos Magalhães (ACM) etc.

Tínhamos inclusive um colega que demonstrou em várias ocasiões uma postura de “espião” dentro da Escola de Minas. O chamávamos de “Capitão Evando”, que na verdade era um tenente da Polícia Militar de Minas Gerais que também era estudante de Engenharia Civil. Veja como ele atuava: certa vez os alunos do primeiro ano estavam com

dificuldades com o professor Cristiano Barbosa em relação à Cadeira de Química. Eram 143 alunos com notas péssimas. Não me recordo mais o motivo que deu início ao trabalho com eles. O certo é que toda semana reunia pessoalmente com eles na boate do CAEM após o almoço para tratarmos do problema. Falava, ou melhor, tratava a questão à luz do Regimento da Escola e do Diretório sobre o que poderíamos fazer em defesa dos alunos. Todos os 143 iam às reuniões semanais. Depois de um certo tempo, cerca de dois meses, resolveu-se por unanimidade que eles não fariam a prova de química.

Como o professor não concordou em mudar a data, eles não fariam a mesma. Só um furou a decisão. Um certo dia depois desta prova num sábado eu chegava de um trabalho de campo e fui interpelado pelo Evando de que eu estava

incitando os alunos à subversão. E que isto poderia complicar minha situação não só no Diretório mas na Escola. Eu simplesmente lhe respondi: “estou cumprindo o regimento Interno do DA e aquilo que nos favorece o Regimento Interno da Escola. Você não os conhece”. Não nos falamos mais. Os alunos tiraram zero e a prova foi cancelada pela Congregação, onde tive assento por três anos. Éramos realmente muito policiados. Tivemos um movimento vitorioso, que foi o acampamento das Republicas na Praça Tiradentes reivindicando casas para os alunos da Escola. Deu resultado, porque a partir dele a Comissão de patrimônio da qual fazia parte com mais dois professores iniciou a compra de casas para se fazer repúblicas. A preferência era comprar casa de professores da Escola. Eu como sempre era voto vencido. O preço era alto,

mesmo que ainda que avaliado pela Caixa Econômica. Mas comprava assim mesmo.

Outra conquista em favor de trabalho para os estudantes foi a aquisição pela Escola de uma Kombi, que foi colocada a disposição do Restaurante da Escola, que era Administrado pelo D.A. Ela servia para ir a Belo Horizonte toda semana comprar verdura para o restaurante. Antes isto era feito por uma camionete similar a uma C-10, mas quando a mesma estava livre. Havia muitos problemas com isto e encarecia, pois tinha que pagar táxi de Belo Horizonte para Ouro Preto para transportar as compras toda semana. Com esta Kombi mandei os administradores do D.A. em Viçosa fazer um cursinho, ou melhor, um treinamento com nutricionistas daquela escola visando melhorar o boião do REMOP. E foram quatro colegas numa quarta-feira, para

retornarem a Ouro Preto até domingo a noite. Quando chego na escola para aula na segunda-feira de manhã, o Diretor da Escola me chama em seu Gabinete e me dá a notícia de que a Kombi fôra presa na zona de Viçosa na quinta-feira à noite. Até então eu não sabia de nada. Foi muito ruim, porque eu não podia argüir em nada que pudesse defender os colegas. Aliás, na Congregação era só cacete contra estudante. Ainda assim, às vezes ganhava alguma por uma posição de coerência. Como defender quem vai para a zona a noite com carro chapa branca? Outra refrega difícil que tivemos foi com o Professor Joaquim Maia, que resultou no meu enquadramento pelo decreto-lei 477 com mais alguns colegas quando terminávamos o 5º ano de Engenharia Geológica.

Eu sempre defendi a participação de alunos e de professores em Congressos de

Geologia, principalmente os dos últimos anos. Em 1.969 completamos o ônibus que levava o 5º ano ao Congresso de Salvador. Como eram somente cinco alunos, lutei com o professor para completar o ônibus com os do 4º Ano, que eram da minha turma. Com muita má vontade o Professor Clovis Delbux, então chefe do Departamento de Geologia e da excursão, concordou. Fomos e tudo bem. No ano seguinte, o Congresso foi em Brasília. Eu era o representante de turma. Na primeira aula combinamos com o professor Maia o calendário das provas da disciplina “Tratamento Mecânico dos Minerais”, disciplina semestral e do segundo semestre. E que o mesmo só seria alterado com aviso e com antecedência.

Quando lembrei do Congresso que seria no final de setembro, então fui falar com o professor para alteramos uma prova que coincidiria com o Congresso, e

porque nós iríamos no mesmo. Ele não concordou, embora já estivéssemos autorizados pelo Departamento e pelo Professor Murta, como chefe da viagem. Fui ao Diretor pedir o ônibus e conseguimos. Nós éramos 23 alunos. Um destes, o Antônio Eleutério de Souza, que era repetente não concordou em perder a prova, pois estava dito pelo Maia de que não teria outra, e quem não a fizesse era “zero”.

Ele ficou e nós entendíamos a situação dele em não correr o risco de perder mais um ano. Todo mundo levou zero, e a partir daí iniciou-se uma briga entre a turma e o professor, a ponto dele deixar as aulas e as próximas provas para o assistente, do qual não me recordo o nome. Mas era daqueles que só dizia amém. A partir de então ninguém tirava nota acima de seis. Veja, que de repente um dos melhores alunos da Escola, José

Fortes, que tirava 9 e 10, passou a tirar 5 e 6. Resultado: ficamos todos os 22 de segunda época no 5º ano. Por isto que a colação de grau foi no dia seis de março de 1.971. Na segunda época requeremos uma banca examinadora sem o professor titular e sem o professor assistente. Foi certamente o mais difícil embate que tive na Congregação. Mas ganhamos.

Em virtude de tudo isto ele me denunciou e sugeriu o enquadramento no 477 dizendo que eu liderava um movimento de subversão na Escola, juntamente com outros colegas do 5º ano. O Secretário Executivo do Ministério da Educação, Professor Newton Sucupira foi a Ouro Preto tratar do caso e me disse: “aluno não é santinho, não. Vocês serão punidos pelo Regimento da Escola por indisciplina em sala de aula, porque se fosse verdade que vocês estivessem se reunido e fazendo subversão, o DOPS

(Departamento de Ordem Política e Social) e o Conselho de Segurança Nacional teria que cair, pois vocês estão se reunindo e eles não sabem de nada". Em síntese, minha relação com a direção da Escola era respeitosa. Eu sempre tenho comigo que a gente tem que respeitar o cargo, e naturalmente quem o ocupa, por mais adversário que seja o ocupante. Fazer oposição em nível elevado, sem ironia e desrespeito. Com isto eu também era tratado com o devido respeito na Congregação e fora dela. Não colava nas provas para não dar margem a um professor no debate me acusar de colador. Bebia minhas cachaças, mas como Presidente do Diretório não podia fazer baderna ou coisa que o valha.

Sinceramente, não me lembro muito de discutir política partidária no D.A. Até porque, com a extinção dos partidos políticos aos quais não pertencia, restava

discutir a favor ou contra o golpe, ou melhor a ditadura. Como não tinha suficiente nível de politização restava trabalhar para a classe nos problemas de interesse mais imediato, como por exemplo selecionar estudantes carentes para bolsa da Fundação Gorceix, que às vezes dava bolsa para estudantes que não mereciam, porque nas férias iam passear na Europa com a família, enquanto outros que moravam muito longe se quer iam em casa nas férias porque não tinham dinheiro. Esta relação entre D.A. e direção da Escola era muito pessoal. Creio mesmo de empatia.

O Diretor Pinheiro (Antônio Pinheiro Filho) achou que quando levei o relatório da situação da Escola para o Ministro Jarbas Passarinho eu o havia traído, mas nem por isto deixou de me receber. Ir para Ouro Preto estudar era como que ir para qualquer outra idade. No meu caso, a

família da gente não sabia que se tratava de uma escola tradicional e famosa etc. Só em Minas Gerais, ou melhor, mais em Minas Gerais é que esta fama corria. Acho que morar, ou melhor, estudar em Ouro Preto é um privilégio, pois a cidade é uma escola da vida. Fiz muitos amigos e tinha muitas famílias de Ouro Preto, que também eram minhas amigas. Não criticava as “nativas”, como muitos faziam, simplesmente porque via os veteranos as criticarem. Enfim, aprendi de tudo em Ouro Preto, na república e na Escola.

No período de três anos que estive no Diretório como Vice-Presidente, Secretário e Presidente, bem como representante do corpo discente na Assembléia Escolar, depois de ter saído do Diretório, tivemos dificuldades na aplicação do seu Regimento Interno, pois alguns artigos batiam de frente com os

Als-5 da vida. Como já lhe disse, em uma Assembléia do DA, ele se levantou e ameaçou prender todo mundo se uma determinada decisão fosse votada. Não me recordo mais do que se tratava. Creio que era voto de protesto a alguma figura do golpe de 1964. Não sei se felizmente ou infelizmente não foi votada, mas não devido a ameaça, mas por julgar talvez inoportuna. Não recordo mais. Com ele bati de frente na condução de uma posição de alunos de 1o ano, com relação ao Professor Cristiano (Barbosa), de Química. Eu me recordo que eram 144 alunos e só um furou o movimento por não fazer a prova, posteriormente defendida por mim na Congregação. E aí ganhamos novamente. A primeira foi a vitória que tivemos em relação ao Professor Joaquim Maia, que resultou na ida do Secretário-Executivo do MEC, Professor Newton Sucupira, a Ouro Preto.

E posteriormente a minha suspensão por sete dias, juntamente com mais seis colegas de turma.

Nossas relações no meu exercício de Presidente do D.A. foi relativamente boa, porque como disse, eu não fazia política partidária. Eu fazia política estudantil de fato. É lógico que numa análise mais profunda, sem as mudanças nas diretrizes da política nacional para acabar com a ditadura, só a política estudantil não resolveria nada, ou melhor, não ajudaria muito para a mudança do regime. Como eu não tinha a politização suficiente não praticava a política partidária como até hoje, seja como Presidente do Sindicato dos produtores de Calcário Agrícola de Mato Grosso, seja como Diretor da Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso. Faço política empresarial respeitando o poder constituído e reivindicando melhores condições para a

produção industrial no caso, como a redução de impostos e a criação de programas específicos que objetivem o desenvolvimento do setor que represento.

O objetivo maior era criar melhores condições para mais estudantes entrarem na Universidade. E ampliar o número de vagas, criar mais cursos, melhorar os já existentes etc. Mas acredito que faltou poder político interessado na criação e consolidação da UFOP. A construção, por exemplo, do novo prédio foi um parto. Ora por falta de dinheiro, ora a dúvida pela concepção arquitetônica do mesmo, destoando da arquitetura colonial de Ouro Preto. Não sei bem porque ficou tanto tempo no papel.

Entre os alunos da EMOP era integração absoluta. Com os da Farmácia, só com as alunas. Os estudantes das duas Escolas se rivalizavam muito, e não se entrosavam. No futebol era uma guerra

mesmo. Todo tempo havia pau entre os estudantes. Viver em uma república de estudantes de Ouro Preto era uma escola de vida. Havia muita solidariedade e muita amizade entre os moradores e umas com as outras. Às vezes se rivalizavam, ou melhor, discriminavam por questões políticas. Eram repúblicas de verdadeiros alienados que não participavam de nada. Era da república para a escola e vice-versa. Ou eram de "dedo-duro". Afora isso, o ambiente era dos melhores. Algumas tradicionais hospedarias de mulheres que vinham do Espírito Santo, ou mesmo do interior de Minas Gerais, do Rio de Janeiro, que juntamente com as mineiras eram as preferidas, e as de São Paulo, as mais chatas e metidas.

Foi a partir mais fortemente, depois do acampamento na Praça Tiradentes que a escola começou a comprar casas para repúblicas. Antes já existiam algumas

republicas da Escola, mas eram muitos poucas.

A república em que morei, A República ADEGA, foi fundada em 11 de março de 1963, quando ainda fazia o cursinho. Antes morávamos no casarão da Rua do Rosário lá no Rosário, segundo diziam, o primeiro hotel de Ouro Preto. Lá moramos três ou quatro anos, e depois fomos como que colocados na rua, pois quem cuidava do casarão recebeu uma determinação da família proprietária para desocupar a casa. Ficamos um bom tempo procurando casa para alugar até que encontramos uma com sala e dois quartos, cozinha e banheiro no "Beco das Galinhas", que ficava lá no Rosário mesmo. A casa era de Dona Maria, mãe do Professor Jair de Carvalho. Veja que ironia. O galinheiro da dela ficava na frente da porta da cozinha de nossa casa. Debaixo da casa dela tinha a República

Saci, onde moravam o Antonio Eleutério, o Cesarino Cavalcanti, que é do Amapá, e por falta de grana não ia em casa nas férias, e o Artur, que casou com a Neide, filha de Dona Maria.

Eles eram os preferidos de Dona Maria. Na ADEGA moravam o Benedito França Barreto, seu irmão Ernesto Barreto, o Carlos Bueno, o Ademilson Carvalho, meu primo que estudou apenas um ano e retornou para Jataí, um outro irmão dos Barretos, que também estudou um ano e retornou para Cuiabá. Quando entramos para a Escola ainda continuamos no Beco das Galinhas até 1967, quando eu já estava no Diretório como Vice-Presidente e ganhamos a casa da Escola, onde até hoje se encontra a ADEGA. Para ela foram o Cesarino e o Eleutério da República Saci, e o Urias Francisco de Lima (Grandão), um conterrâneo de Jataí, que na época morava conosco. Inicialmente

morávamos em sete. Depois com ampliação, éramos dez.

A localização era estratégica: debaixo da Zona e com fundo de frente para a Delegacia, que nos causou sérios conflitos com o Delegado e com a Vila de Professores, que ficava na parte baixa da cidade próxima da delegacia. Tínhamos uma boa atuação no Diretório e no Centro Acadêmico, e naturalmente nos demais órgãos em que se fizesse necessária à representação discente da Escola de Minas. Muito boa atuação também com as visitantes. Sempre recebíamos caravanas das “Moças de Azul e Branco”. Por isto mesmo tínhamos uma classificação: os que pegam e os que não pegam. Dos que pegam ainda subdividíamos: os que pegam e seguram, e os que pegam e não seguram.

Sempre existe uma discussão sobre as repúblicas no que tange ao acesso de

vários cursos além da Engenharia. E se questiona a administração das repúblicas pelos próprios estudantes, a chamada autonomia.

Quanto à administração das repúblicas e critério de acesso às mesmas, creio que esta decisão deve ser de cada república. Quem escolhe os moradores novos são os atuais e os próprios moradores. Quanto ao aluno ser ou não da EMOP, é a república quem também deve decidir, pois a Universidade pelo próprio nome abrange o universo dos alunos. Acho que tudo é uma questão de empatia. Quando era EMOP e Farmácia, décadas atrás, aí sim não se deveria misturar. Mas agora é uma Universidade. Então do ponto de vista da propriedade, é única. Antes eram repúblicas de propriedade da EMOP e da Escola de Farmácia, perfeitamente distintas. Sem

maiores aprofundamentos, é isto que eu penso.

Não me recordo quem era contra a criação da UFOP. Tenho certeza que o Carlos Walter e o Damásio no Rio de Janeiro nos apoiava bastante nesta tarefa e em outras pela melhoria do padrão de ensino etc.

Uma de minhas primeiras atividades no Diretório, ou melhor na Escola, foi cuidar de "O Martelo", a partir de 1965, ano que entrei na Escola. Acho que ele retrata toda relação do Diretório com a direção da Escola.

Nossa Colação de Grau, da turma de 1970, foi dia 6 de março de 1971, no Cine Teatro de Ouro Preto, local onde se realizava tradicionalmente as solenidades de colação de grau da EMOP. Esta data se deu em virtude da segunda época de 23 alunos de Geologia, na disciplina do Prof. Maia, Tratamento Mecânico dos Minerais.

Esta história já lhe contei. Se o Antônio Dias Leite foi paraninfo outras vezes eu não sei. Para nossa turma, foi devido à criação por ele da CPRM. Também não sei do relacionamento dele com Ouro Preto, se é que existe.

LEMBRANÇA DA FUNDAÇÃO DA REPÚBLICA REBU¹⁴

Maria Martha (Ex-Aluna fundadora da República Rebu)

Antes era só uma idéia; hoje “ela” já existe. Como começou? É difícil descrever e contar, mas vamos tentar.

A iniciativa partiu das garotas, ou melhor “bonecas”, que enfrentaram em julho de 1974 (1ª turma do meio do ano), pois já estávamos cheias das “malvadas donas de pensão ouropretanas”.

Fomos primeiramente procurar o Diretor da Escola de Minas e Metalurgia, na época o Professor Wagner

¹⁴ Texto reproduzido do dossiê da República Rebu encaminhado à UFOP. O presente texto faz parte do “Diário da Rebu”, escrito em março de 1975 pela ex-aluna Maria Martha.

Colombarolli, que nos recebeu muito bem, mas com aquele “as” de que nunca íamos conseguir uma casa.

Mas não desistimos; sempre que podiam estávamos lá enchendo o “saco” dele. Até que um dia ... o saco dele não estourou resolveu nos (“atender”) e disse que se tivéssemos uma casa em vista, a Escola compraria.

Para nós não houve motivo de maior alegria. Mas ... E a casa?

Onde conseguir uma casa tipo República e em boas condições para a Escola comprar? Como andávamos muito nas quebradas da noite e da “madruga” também, descobrimos a tão procurada casa na Rua do Pilar.

Bem, começamos então a procurar o seu proprietário para saber as condições e tudo que era necessário para a compra.

E assim conhecemos o seu Nicolau, “velhinho boa praça”.

Fomos novamente à Diretoria da Escola para comunicar ao Professor Wagner o nosso achado. Ele nem acreditou do que éramos capazes, mas mesmo assim o danado do homem começou a inventar mil desculpas; dizendo que precisava do “croqui” da casa e também que o Sr. Nicolau não deveria saber que era a Escola que estava comprando a casa. E ainda que ele mandaria um engenheiro para verificar as condições em que se encontrava a casa. Quanta confusão por apenas uma casinha!

Mas não desistimos. Enganamos o Sr. Nicolau dizendo que quem compraria a casa seria os nossos pais. E o velhinho boa praça caiu direitinho na nossa conversa.

A seguir a Escola entraria no negócio dizendo que nossos pais haviam desistido da compra e que ela efetuaria então a compra da casa.

Foi uma piada! Mas assim conseguimos que a Escola comprasse a tão almejada casa.

Surgindo então a “República Rebu”, juntamente com as Rebutantes. As primeiras a serem nomeadas de “Rebutantes” e dar início ao tremendo Rebu foram as seguintes: Vanjão, Tirinha, Bernadete, Júlia, Léa, Raquel, Sandra, Martinha, Ângela, Itza (“Gringona”), Carminha, Lívia, a 1ª bicha Help e eu, que com imensa satisfação e grande emoção lhes narrei como surgiu a nossa querida República. Ouro Preto, Março de 1975. Baiana. (Marthão - Martha).

A Rebu foi uma vitória de um grupo de estudantes com todos seus sonhos, incertezas e que acreditavam que juntas e unidas mudávamos tudo. Vejo que foi o que aconteceu: vocês estão aí mantendo com as dificuldades que sabemos. O

sonho daquelas de mais de 30 anos atrás. Algumas já se foram (ficou muita saudade), mas onde estiverem estão também felizes como nós de ver nosso sonho, nossa Rebu. Assim contem comigo. Sou Rebutante.

DEPOIMENTO SOBRE A INVASÃO DO DOPS NA REPÚBLICA DOS DEUSES

Armando Lopes Farias - Ex-Morador da República dos Deuses

O dia 21/04/1980 prometia muito. Esperava-se para este dia um pronunciamento do presidente Figueiredo abordando os últimos acontecimentos.

Este pronunciamento poderia indicar os rumos que o país tomaria dali para frente. Na ocasião o acontecimento mais importante na política nacional era a greve dos metalúrgicos do ABC paulista, que já estava com vários dias e ocupava insistentemente o cenário político nacional. Me parece que o Lula já estava preso. Eu não tenho certeza, mas acho que estávamos na época das bombas caseiras,

lançadas por paramilitares para bloquear a distensão do regime.

Localmente, em Minas, tínhamos uma greve dos professores da rede pública, também já avançada, e a greve dos estudantes de Viçosa (na época greve de estudante ainda tinha uma certa importância).

Também era aguardado com expectativa, o lançamento nacional do PMDB, que foi a forma (muito inteligente diga-se de passagem) que o Ulisses Guimarães encontrou para contornar as imposições da nova lei partidária, bancada na ocasião pela ARENA, partido do governo. Este lançamento também aconteceria em Ouro Preto, e era entendido pela ditadura como uma espécie de provocação, pois coincidia com a estada do presidente, no mesmo local, apenas com alguns dias de diferença. O lançamento seria na sexta feira, e a visita

seria na segunda feira seguinte, ambos na Praça Tiradentes.

É possível perceber que o caldo era viscoso, e prometia muito, principalmente por estar a esquerda se preparando para atazanar a visita do presidente. A gente, os estudantes, sempre participávamos destas manifestações, cabendo-nos principalmente a parte logística, coisas como o apoio à chegada do pessoal e a segurança. A idéia era fazer uma manifestação na praça Tiradentes durante o discurso do Figueiredo.

Na ocasião eu era o representante de Ouro Preto na UEE (União estadual dos estudantes). Então ficamos eu e o pessoal dos DA's encarregados deste apoio logístico.

Na quinta feira (17/04) estávamos reunidos no DA, eu, a diretoria do DA, a oposição e o pessoal do CA (escola de farmácia). Discutíamos como se daria o tal

do apoio logístico e como faríamos a segurança, quando nos chegou a notícia da invasão da casa do David Maximiliano. A notícia chegou confusa, mas me lembro que alegavam ter encontrado bombas debaixo da cama do David. Tudo indicava uma grande armação do DOPS (polícia política da ditadura), pois era impossível imaginar um cara, por mais doido que fosse, colocar duas bombas debaixo do local onde dormia com a mulher e o filho.

Mas o fato é que nos assustamos e procuramos uma maneira de esconder o David, pois o DOPs estava à sua procura. O David era um antigo colega de escola de Minas, formado portanto em Engenharia (não sei se na época ele já estava formado), que na ocasião militava no movimento dos professores da rede pública. Era ligado à tendência de extrema esquerda Liberdade e Luta, mais conhecida como “libelu”, de pouca

inserção nos movimentos de massa, mas com força no movimento estudantil. Eles eram oposição à gente no diretório acadêmico.

Ainda neste dia o DOPS invadiu outras repúblicas procurando pessoas ligadas ao David. Na quinta a coisa parou por aí.

Na sexta feira seria o dia do lançamento do PMDB. Várias figuras eminentes da política nacional estavam em Ouro Preto, com destaque para Ulisses Guimarães e Freitas Nobre. A cidade era o centro dos acontecimentos políticos do país. Durante o dia a coisa manteve-se calma e só a noite, já durante o ato de lançamento do PMDB, é que pipocaram duas ou três bombas de gás lacrimogêneo no meio da multidão. De resto as coisas transcorreram tranqüilas. Porém o cenário para a limpeza política, preparando o terreno onde pisaria o presidente, já

estava montado. Na cidade só se falava na tal da bomba, sendo que algumas pequenas matérias saíram nos grandes jornais do país.

No sábado depois de um dia de muito trabalho, recebendo o pessoal que vinha para a manifestação, principalmente o pessoal de Viçosa, e muita observação na movimentação do pessoal da segurança da presidência, que passaram o dia a estudar a melhor posição de possíveis atiradores intentando um atentado ao presidente, ou a melhor distribuição de seus homens, nos recolhemos às repúblicas para as comemorações do dia 21. Como todos sabem, quando o feriado emenda com o final de semana, as festas nas repúblicas não param, atraindo uma multidão para as comemorações. Lá em casa estava cheio.

A noite ia transcorrer à base de muita cerveja e muié. Curiosamente esquecemos por completo dos riscos que poderíamos estar correndo. Estávamos tranqüilo, não soubemos, apesar de inúmeras reuniões de avaliação da situação, fazer a leitura correta da invasão da quinta feira, não entendemos que aquilo era o prenúncio da limpeza que se seguiu. Não nos demos conta que era imperativo ao regime mostrar força naquele momento e que não iriam permitir de forma alguma, qualquer tipo de manifestação durante o discurso do presidente. Era necessário pois, que se removesse todos os possíveis organizadores. Como estava previsto a chegada dos professores só na segunda feira, bastaria a eles eliminar os organizadores e bloquear as estradas. Muito simples. Mas nós não conseguimos chegar neste ponto em nossas análises e

fomos para a festa. Pior. Juntamos parte considerável dos organizadores nos Deuses. Aí estavam eu, o Juca (representante da UNE) e o pessoal de Viçosa, seus líderes. Facilitamos sobremaneira ao trabalho do DOPS.

Naquela noite uma parte da diretoria do DA foi para os Deuses festejar com a gente. Por medida de segurança resolvemos que eles teriam de ir para suas casas acompanhados de alguém que não tivesse qualquer ligação com o movimento. Escolhemos o café. Ele pegou o carro do Juca (o fusca azul mais manjado de BH) e levou a galera. Segundo o que ele nos contou depois, no retorno ele foi parado pelo DOPS, que identificaram o carro do Juca, levado para a delegacia, e sob torturas morais (ainda segundo ele, enfiaram um cabo de vassoura em seu anus) foi obrigado a dizer o que fazia no carro do Juca, quem

estava lá em casa e assim por diante. Ele chegou em casa de madrugada, muito assustado, dizendo que eles (o DOPS) iriam me matar, e me aconselhando aos gritos a ir-me embora. A gente já estava muito bêbado e tratamos de tranquilizar o Café e seguimos na cachaça.

Sábado- Acho que era por volta das 10 horas da manhã, quando senti uma coisa fria roçando meio rosto. Por algum tempo ainda sem entender o que acontecia me virei e tentei continuar meus sonhos. A coisa insistiu, fazendo com que eu identificasse o cano do fuzil (ou metralhadora?).

Aí que percebi um cara alto e mal encarado com a arma na mão me dando ordens aos gritos para que me levantasse, colocasse as mãos na cabeça e encostasse na parede. Já havia um bando nesta mesma posição. Fui aos poucos recobrando o sentido, apesar da forte

ressaca. Passado um certo tempo alguém subiu as escadas (a gente estava na parte de cima da casa) gritando quem era o capitão. Me identifiquei. Daí para frente este sujeito chamada Ariosvaldo (codinome) me torrou a paciência com piadinhas de todo tipo, principalmente com meu apelido e com o fato de ser minha blusa de frio proveniente do exército. Seus trocadilhos infames foram inevitáveis. Recolheram todas as pessoas que estava em casa. Tinha um amigo nosso do Rio que a gente chamava de tia Júlia, extremamente estridente Ele estava chegando, acabara de entrar pelo corredor de entrada da casa, fazendo uma zoadá miserável, como era de seu feitio quando o DOPs entrou e o prendeu também. Todos de camburão para a delegacia. Foram várias viagens.

O tal do Ariosvaldo (mais tarde identificado como um antigo torturador

da ditadura) obrigou-me a juntar quase todos meus livros e carregá-los comigo para a delegacia. Num frio miserável, o miserável não permitiu que eu usasse minha blusa, alegando ser aquilo propriedade do exército. Disseram-me depois que o café assustado com a entrada dos policiais, disparou nosso quintal abaixo, indo parar debaixo da cama da vizinha. Ele morava no quarto junto à cozinha, era bicho.

Quando cheguei à delegacia (fomos a última leva) havia uma fila enorme, todos aguardando a vez de serem fichados. Entrei nesta fila, ainda com os livros nos braços e sem blusa de frio. Daí a pouco veio um agente e me levou ao escritório do delegado do DOPS em Minas, o chefão Dr. Brandão. Segundo o cara ele queria me conhecer. Vamos lá. O cara ao contrário do Ariosvaldo era gente muito boa (assim se fazia passar) e me ofereceu

uma poltrona para sentar e cafezinho bem quente. Percebendo que eu estava com frio, procurou saber porquê de eu estar sem blusa, e diante de minha resposta, deu ordens para que se chamasse o agente Ariosvaldo imediatamente em sua sala.

Na minha frente ele passou a maior bronca no cara e exigiu dele que devolvesse minha blusa imediatamente. Foi o máximo! Ele queria ganhar minha confiança e em parte ganhou. Eles são profissionais da coisa. Daí para frente foi um festival de conselhos e insinuações. A todo momento ele soltava dados a meu respeito, deixando claro que minha vida era de seu inteiro domínio.

Quando saí da sala grande parte do pessoal já havia sido liberado. Sobramos eu e mais oito, sendo que me lembro do Juca, de dois caras de Viçosa e dois de BH, e só. Passamos o dia ali sem saber o que acontecia no mundo lá fora. Inicialmente

estávamos muito assustados, mas com o tempo percebemos que nada de mal nos aconteceria, por enquanto. Recebemos algumas visitas e alimentação.

Por volta das cinco ou seis horas da tarde nos recolheram ao camburão novamente, para nos levar para destino incerto. Nada nos disseram, e aparentemente não comunicaram à ninguém do mundo lá fora. Estávamos sós, pelo menos é o que sentíamos. Tivemos muito medo quando percebemos por uma fresta no camburão que, após várias voltas na cidade, eles tomaram o rumo de Mariana. Pensamos que nos levariam para Juiz de Fora. A polícia do exército de lá tinha péssima fama. Eles iam dar fim na gente! Não sei quem, mas um dos caras começou a chorar e o clima ficou terrível.

Para nosso alívio eles tomaram o caminho para o centro da cidade de

Mariana. Deixaram-nos na delegacia da cidade nas mãos do delegado local, com a ordem de só permitir nossa saída no dia seguinte, no final da tarde, após a saída do presidente. Foi o que aconteceu. Após uma noite horrorosa, onde ficamos os nove amontoados num cubículo de uns 3X3, em que procuramos passar o tempo jogando porrinha ou qualquer outra coisa, ficamos todo o dia 21 soltos no corredor da prisão, conversando com os presos, jogando futebol com bola de meia e até assistimos a um jogo entre o Flamengo e o Santa cruz de Recife (o flamengo ganhou de 2X1).

Como combinado no final da tarde eles nos soltaram e cada um se virou para retornar à Ouro Preto. Lembro-me que naquele momento, quando entrei na praça, já havia a organização de um ato público pela nossa soltura. Foi uma surpresa quando me viram. Foram muitos

abraços e chororô. Achavam que a gente tinha se fodido. Mas nada tinha acontecido. Como nas histórias do Asterix, aproveitamos a deixa para um grande banquete (uma grande cervejada na república).

ASPECTOS DA FUNDAÇÃO DA REPÚBLICA SENZALA¹⁵

Ari Ferreira da Silva (Ex-Aluno Fundador da
República Senzala)

Considero-me um profissional realizado, tendo dedicado 27 anos da minha vida à profissão de Engenheiro Metalurgista. Que hoje exerço num longínquo País africano.

Tenho certeza que a razão deste sucesso veio da oportunidade que tive de cursar o ensino público de alta qualidade. É claro da grande experiência de vida adquirida na vida republicana e na querida Ouro Preto.

¹⁵ Texto reproduzido do dossiê da República Senzala encaminhado à UFOP (em 2009).

A contribuição dessas Repúblicas na formação do caráter dos profissionais, essa pré-disposição para encarar e conviver com o desconhecido é essencial. Não é mera coincidência encontrarmos engenheiros formados em Ouro Preto espalhados em regiões longínquas do Brasil e do mundo, e mais impressionante ainda que basta mencionarmos a cidade de Ouro Preto e o nome da República para que surjam novas amizades.

Vale a pena lembrar um pouco da minha história em Ouro Preto. entrei na Escola em Julho de 1976, quando começaram os vestibulares no meio do ano e não havia formaturas no meio do ano. Portanto não havia vagas nas Repúblicas. Depois de muitas batalhas, a opção foi juntarmos um grupo de amigos e formarmos uma República Particular. Desse grupo a grande maioria vinha de famílias pobres. E só tinham conseguido

chegar à Universidade graças a um ensino público primário e secundário de alto nível. Infelizmente o Ministério Público não se preocupou em preservar o ensino público de qualidade para as pessoas carentes.

A República Berimbau se uniu a outra República e a outros estudantes para requerer da Reitoria uma República no campus do Morro do Cruzeiro. Na realidade, só vi o meu sonho realizado após a minha formatura. Mas devido à crise financeira e ao desemprego da época (somos acostumados às crises) voltei a Ouro Preto e à República para fazer Engenharia Civil. Participei da mudança para o Morro do Cruzeiro; tivemos que desatolar um caminhão da UFOP em baixo de muita chuva para fazermos a mudança. Na época, o morro não tinha nenhuma infra-estrutura, não tínhamos transporte, apenas sobravam barro e

poeira por todo lado. Mas, fizemos a Senzala, e tenho um grande orgulho de tudo isso.

Para completar, me casei com vizinha da República em frente. Uma união que já dura mais de 25 anos. Nos últimos 22 anos, a menor distância que morei de Ouro Preto foi 3.000 km (Marabá, São Luís, Austrália, Estados Unidos, Itália, Moçambique), mas todas as férias eu e minha família fazemos questão de visitar Ouro Preto e a República.

A República Senzala sempre funcionou e até hoje funciona como uma República democrática, onde não existe discriminação por nível social, raça ou religião. E tenho certeza que todas as demais Repúblicas seguem estes mesmos preceitos. Então qual o motivo para modificar ou acabar com aquilo que funciona? Parece que esse nosso Brasil

tem problemas muito mais sérios para serem resolvidos.

Existem problemas nas Repúblicas como em qualquer outra comunidade. Mas algumas alegações, como as dificuldades para a escolha, os trotes, etc., estas deveriam favorecer os mais necessitados, que justamente pela sua condição deveriam ser os mais persistentes.

Pela preservação das Repúblicas de Ouro Preto!

A VIDA EM REPÚBLICA: TEMPO E ESPAÇO DE APRENDIZADO PARA A VIDA E A PROFISSÃO¹⁶

**João Bosco Silva - Ex-morador das Repúblicas
Ninho do Amor e Reino de Baco**

Morei em duas repúblicas de Ouro Preto - no *Ninho do Amor*, ainda rua São José, e depois no *Reino de Baco*, na rua das Mercês, até quando me formei, em 1969. Sempre tive um carinho muito grande pela vida nas repúblicas porque considero que, acima de tudo, elas diferenciam a

¹⁶ Versão editada a partir da entrevista de João Bosco Silva a Otávio Luiz Machado.

formação dos estudantes de Ouro Preto. E isso por muitas razões.

Uma primeira me parece fundamental - na república aprendemos a viver e a trabalhar em equipe e de uma forma fraterna. E isso me parece fundamental, porque ninguém vive sozinho. Além disso, ter espírito de equipe no mundo de hoje é básico. Numa república de estudantes você aprende a respeitar as opiniões das pessoas, a conviver com as diferenças e a argumentar, porque esse é um ambiente realmente democrático.

Ali ninguém é superior a ninguém. Então, você tem que procurar defender seus pontos de vista com respeito, para viver em harmonia com pessoas que têm formações, histórias e visões muito diferentes umas das outras. E isso eu considero uma base importantíssima da nossa formação para a vida e para a

profissão, porque ao longo da nossa trajetória, vamos enfrentar desafios semelhantes como o de trabalhar e conviver com pessoas também com formação, histórias e visões muito diferentes das nossas.

Um outro aspecto importante da vida em república é você construir o seu *network* de trabalho, uma rede de pessoas com as quais pode contar e trocar experiências ao longo de toda a vida. Sempre se diz que em Ouro Preto existe uma “máfia” e acho que essa “máfia” é positiva e começa a ser construída dentro da república, na forma fraterna como vivemos nesse ambiente. Ali a gente constrói amizades importantes e faz contatos que vão nos ajudar no nosso futuro profissional de uma maneira sobre a qual não nos damos conta enquanto vivemos a experiência.

Um terceiro ponto que destaco da experiência de viver em repúblicas é a responsabilidade que adquirimos desde muito cedo, por exemplo, ao cuidarmos dos aspectos econômicos da república. No meu tempo, a cada mês tínhamos um presidente responsável pelas "contas" e ali se aprendia também valores éticos fundamentais para a vida profissional, na administração do dinheiro da república, ao pagar contas para as quais todos contribuem.

A particularidade dos estudantes de Ouro Preto

Tem um aspecto muito particular da vida estudantil de Ouro Preto que sempre me instigou, na medida que fui um estudante universitário desta cidade com características tão singulares. Trata-se do fato de vivermos cercados pelas

montanhas, as montanhas de Minas e de, na minha época, sairmos muito pouco dali. Se de um lado isso nos permitia refinar os nossos sentimentos e ideais-afinal Ouro Preto é um símbolo permanente da busca e da crença de ideais e utopias, que não se pode perder nunca -; de outro lado tínhamos o desafio de enfrentar uma vida profissional aqui fora que nos convidava para o mundo.

O estudante de Ouro Preto desenvolve uma facilidade muito grande para trabalhar em equipe e isso vem dessa convivência nas repúblicas, da oportunidade de aprendermos a trabalhar em equipe, de forma fraternal e democrática.

Nesse sentido as repúblicas em Ouro Preto tradicionalmente se constituíram em espaços que estimulam e contribuem para a formação do acadêmico formado na cidade, para o engenheiro, no meu caso.

Primeiro porque é a forma mais econômica viver em Ouro Preto, estudando num curso universitário. E segundo por essa formação cultural que a vida em república nos dá - um sentido de viver num ambiente completamente democrático, aprendendo a entender as outras pessoas. Reafirmo sempre - aprender a viver em equipe nas repúblicas de Ouro Preto é um fator muito mais forte do que em qualquer outra região que temos no Brasil.

Embora não acompanhe de perto a vida das repúblicas hoje, procuro visitar de vez em quando a república Reino de Baco, onde morei.

A alegria e a tradição que o tempo não apaga

As festas e um certo barulho próprios das repúblicas de Ouro Preto

costumam causar controversa e são, às vezes, motivos de oposição a elas. Há um ponto que é o da alegria própria da juventude e outro que significa os direitos dos moradores. Nessa parte acredito que tanto os estudantes como os vizinhos de repúblicas e pessoas da cidade precisam achar um termo de convivência possível. Se a vida de estudante é um período relativamente curto, feito também de excessos e extremos, eles não podem prescindir do espírito de convivência com as pessoas da cidade, fora das repúblicas. Estamos aqui falando de direitos mútuos.

E nesse sentido, talvez seja justamente a base de respeito e espírito de equipe, de um ambiente democrático e fraterno que a vida em república nos ensina, o que seja preciso preponderar.

O meu tempo de repúblicas em Ouro Preto foi marcado por muita proximidade com os vizinhos e respeito às diferenças,

foi uma coisa que marcou muito nessa convivência. Namorava-se muito com as moças da cidade, qualquer motivo era festa, mas havia uma harmonia muito grande. Não me lembro de hostilidades e sim de uma relação calma e proveitosa.

Se a tradição nos marca em Ouro Preto, ela também ensina. A idéia da equipe responsável por este projeto sobre a história das repúblicas é importante, não só pela preservação dessa história dentro de uma história maior que Ouro Preto guarda, mas também pela possibilidade de resgatar valores e oportunidades que a vida em república oferece para a nossa formação profissional e para as nossas vidas.

Retribuição e emoção

Voltar a Ouro Preto é para mim uma renovação, uma volta muito prazerosa ao

passado. Ao reviver uma parte da minha história com esta cidade relatando minha vida nas repúblicas por onde passei, é como uma visita ao coração - me emociona, me faz refletir sobre as alegrias, os desafios, os temores e o aprendizado que tive com esse tempo e essa convivência, que determinaram muito da minha trajetória na profissão e na vida.

Se hoje eu estivesse voltando a Ouro Preto como estudante, começando tudo, faria o mesmo caminho - tenho de Ouro Preto e do meu tempo de república, muito destacadamente, as melhores recordações. Tive como estudante universitário um período dos mais significativos na minha vida e o trilharia exatamente da mesma forma.

**DISCURSO, PELO
CORPO DISCENTE, DO
UNIVERSITÁRIO
ANTÔNIO CLARET
SOARES SABIONI,
PRESIDENTE DO
DIRETÓRIO
ACADÊMICO DA
ESCOLA DE
MINAS/UFOP
(CENTENÁRIO DA
ESCOLA DE MINAS,
1976)**

Mais uma vez, encontra-se reunida a família Emopiana, ao ensejo das comemorações do Centenário de nossa Escola de Minas. Como é do conhecimento de todos, a história de nossa Escola, agora secular, remonta ao século XIX, quando, no dia 06 de novembro de 1875, era criada, através do Decreto nº 6026, com sede na cidade de Ouro Preto, então Capital da Província de Minas Gerais, sendo instalada em 12 de outubro do ano seguinte.

Coube ao francês Henri Gorceix, diplomado em Ciências Físicas e Matemáticas, a organização dessa Escola, a convite do Imperador D. Pedro II, que, dessa maneira, procurava solucionar o antigo problema da instalação de uma Escola capaz de formar engenheiros de minas no Brasil.

Nove anos depois, em 1885, teve a Escola seu currículo alterado e os alunos

diplomados passaram a ter regalias de Engenheiro Civil. Com a reforma do Ensino, em 1901, a Escola passou a ter um novo regulamento e os diplomas eram conferidos de acordo com o tempo de duração dos cursos: de Agrimensor, Eng. Geógrafo, Eng. Industrial e Eng. de Minas e Civil. Em 1957, introduz-se, na Escola, o Curso de Geologia, mantido pelo Ministério da Educação e Cultura.

Em 1945, a Universidade do Rio de Janeiro se transforma em Universidade do Brasil, passando a Escola à denominação de Escola Nacional de Minas e Metalurgia e, em 1946, passa a formar profissionais designados por Eng. De Minas, Metalurgista e Civil. Em 1957, introduz-se, na Escola, o Curso de Geologia, mantido pelo Ministério da Educação e Cultura.

Em 1960, a Escola Nacional de Minas e Metalurgia desliga-se da Universidade

do Brasil, tornando-se uma Escola autônoma e passa a se chamar Escola de Minas de Ouro Preto.

Com a implantação da Reforma Universitária levada a efeito pelo Governo, no ano de 1968, pela qual não seria possível a existência de Escolas isoladas, como era a nossa, passa a constituir a Universidade Federal de Ouro Preto, juntamente com a Escola de Farmácia e Bioquímica.

Ao longo de um século de profícua existência, a Escola de Minas, pioneira no Brasil no ensino de Geologia, Mineração e Metalurgia, preparou e entregou à sociedade brasileira homens que se distinguiram em quase todos os setores da vida humana.

Tudo isso contribui para que nós, os alunos da Escola de Minas, dela tenhamos orgulho e fiquemos imbuídos da parcela

de responsabilidade que temos na preservação de seu passado de glórias.

Mas, para isso, é necessário que a Escola ouça e atenda algumas de nossas reivindicações, que consideramos das mais justas, de modo que possamos desenvolver nosso trabalho, em ambiente adequado e em condições propícias.

Assim, é necessário que a Escola, ou a Universidade da qual ela é hoje uma unidade, procure resolver o antigo problema de moradias, do conhecimento de todos, problema que se agrava a cada ano.

Carecemos de assistência médica, as quais só têm direito os alunos que cumprem Educação Física obrigatória e os funcionários da Universidade. Recebemos no Diretório, frequentemente, colegas com problemas de saúde, ficando impossibilitados de ajudá-los, por falta de recursos financeiros e por não termos para

onde encaminhá-los para o devido tratamento. Deve ser aqui ressaltado o papel que nisso tem a Fundação Gorceix, cujo auxílio, embora não suficiente, é bastante significativo.

Quanto à assistência alimentar, não é a Universidade que a fornece totalmente aos alunos, mas, sim, estes, em sua maior parte, através de nosso já tradicional restaurante REMOP, o qual completou ontem 17 anos de bons serviços prestados ao corpo discente. O nosso restaurante tem grande valor, por incrementar o espírito universitário entre os ufopianos, visto que, desde 1973, alunos da Escola de Farmácia e Bioquímica passaram a tomar suas refeições no mesmo. Sendo freqüentado também por professores e funcionários, ele passa a ter um importante papel na aproximação entre os corpos discente, docente e administrativo da Universidade. Por tudo quanto

representa, podemos dizer que o maior mérito de nosso restaurante está no fato de o mesmo ter sido criado por alunos e ser por eles administrados, tendo recebido valiosa contribuição da Escola de Minas, na sua criação.

Verificamos, também, na nossa Escola um alto índice de reprovações, havendo casos de turma com 100% de reprovados. Isso acarreta dois problemas: o de excedentes internos por matéria e maior tempo de permanência de alunos nas Repúblicas, diminuindo, assim, o número de vagas disponíveis, isto sem levar em conta o lado sócio-econômico da situação. Para minorar os altos índices de aprovação, deve-se procurar melhorar o nível do ensino e mudar o método de avaliação do aproveitamento dos alunos matriculados no regime semestral, os quais desejam a volta das provas mensais, pois que as atuais provas bimestrais

trazem grande acúmulo de matéria para o aluno.

É necessário que a Escola prestigie mais a Representação Estudantil, a qual é, muitas vezes, quase simbólica. Como poucos sabem, a Reforma Universitária tirou dos Diretórios Acadêmicos a Representação Estudantil, exercendo a mesma essa função nos diversos órgãos da Escola ou da Universidade. Devido à pequena divulgação e ao pouco esclarecimento que há acerca dessa Representação Estudantil, grande parte dos alunos a desconhece. O que se verifica é que os Representantes Estudantis não são, em geral, procurados pelos seus colegas, na defesa de seus interesses junto aos órgãos competentes, pois, às vezes, além de desconhecerem o seu Representante, ignoram as suas funções. Nós mesmos, porém, tentaremos corrigir essa falta, antes das eleições, de modo que

os colegas saibam o por que da votação. Entretanto, o que não se justifica é o fato de um elemento ser eleito Representante Estudantil junto a um determinado órgão e não ser convocado, uma vez sequer, para exercer suas funções, como já tem acontecido.

Tal como já ocorreu em outras Universidades, deverá surgir, em breve, o jubilamento visando a eliminar os alunos que não tenham certo rendimento escolar mínimo e, como acontece em outras Universidades,

É necessário que a Escola procure evitar a evasão de seus bons professores, dando-lhes salários compensadores e condições materiais necessárias ao bom desempenho de seus trabalhos.

As outras reivindicações que consideramos justas são a reabertura do Parque Metalúrgico para o aprimoramento técnico dos alunos do

curso de Metalurgia e a construção de um Ginásio para a prática de esportes.

Como disse, o Diretório não tem, hoje, a função de Representante Estudantil e, sim, a de aprimorar a cultura e dar assistência aos estudantes, cabendo-lhe o dever de completar a sua formação universitária. É o que procuramos fazer, desde que tenhamos o apoio dos órgãos competentes.

Finalmente, afirmo que o nosso desejo é o de auxiliar a Escola, o que também é o dos antigos alunos, de modo que estes, os alunos e a administração, possam alcançar para ela os resultados que permitam a preservação e a continuação de seus dias de glória.